



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Rommel Jorge Barbosa de Souza

**NERVOS E EMOÇÃO: FORMAS DE INTERAÇÃO ENTRE TORCEDORES
ORGANIZADOS DA FACÇÃO JOVEM (CAMPINENSE – CAMPINA GRANDE-PB)**

CAMPINA GRANDE, PARAÍBA

2014

ROMMEL JORGE BARBOSA DE SOUZA

**NERVOS E EMOÇÃO: FORMAS DE INTERAÇÃO ENTRE TORCEDORES
ORGANIZADOS DA FACÇÃO JOVEM (CAMPINENSE – CAMPINA GRANDE-PB)**

**Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação da
Universidade Federal de Campina Grande
(PPGCS/UFCG), como requisito para
obtenção do título de Mestre em Ciências
Sociais.**

Orientador: Prof. Dr. Vanderlan Francisco da Silva

CAMPINA GRANDE, PARAÍBA

2014

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

S729n Souza, Rommel Jorge Barbosa de.
Nervos e emoção : formas de interação entre torcedores organizados da facção jovem (Campinense – Campina Grande-PB) / Rommel Jorge Barbosa de Souza. – Campina Grande, 2018.
93 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2014.
"Orientação: Prof. Dr. Vanderlan Francisco da Silva".
Referências.

1. Torcidas Organizadas. 2. Tribos Urbanas. 3. Sociabilidade. I. Silva, Vanderlan Francisco da. II. Título.

CDU 316.454.3(043)

ROMMEL JORGE BARBOSA DE SOUZA

**NERVOS E EMOÇÃO: FORMAS DE INTERAÇÃO ENTRE TORCEDORES
ORGANIZADOS DA FACÇÃO JOVEM (CAMPINENSE – CAMPINA GRANDE-PB)**

Dissertação Aprovada em 19 de Setembro de 2014.

BANCA EXAMINADORA

Dr. Vanderlan Francisco da Silva (UFCG)
Orientador

Dr. Ronaldo Laurentino de Sales Júnior (UFCG)
Examinador Interno

Dr. Marco Aurélio Paz Tella (PPGA-UFPB)
Examinador Externo

CAMPINA GRANDE, PARAÍBA

2014

Aos meus pais: Jorge Barbosa e Guia Silva
À Jussara Melo, com muito carinho.

AGRADECIMENTOS

Eu agradeço, primeiramente, aos meus pais, Jorge Barbosa e Guia Silva, por todo carinho e dedicação durante toda minha trajetória de vida. Eu amo vocês.

À minha companheira de todos os momentos, Jussara Melo, por tudo.

A todos da minha família, sem exceção.

À Facção Jovem por me possibilitar conhecê-los.

A todos os raposeiros de plantão.

À galera da arquibancada geral do Estádio O Amigão.

Aos meus amigos: Anderson Araújo, Tiago Emerson, Zarak, Gelásio Nascimento, Filipe Negreiros, Leonard Correia, George Queiroz, Weisberg Barros, Roger entre os demais sem exceção.

Aos meus professores e professoras de toda minha trajetória educacional que me orientaram desde os primeiros passos até o momento.

Aos professores da Universidade Federal de Campina Grande da UACS. Todos vocês contribuíram para a minha formação.

Ao meu orientador, professor Vanderlan Silva, pela paciência, compreensão, dedicação e boas conversas.

Aos professores Marco Paz Tella e Ronaldo Laurentino de Sales Júnior pelas contribuições.

Aos meus amigos do Coro em Canto/UFCG.

À turma do Mestrado de 2012.

Aos obstáculos postos nos caminhos da minha vida para me fortalecer.

Ao Professor Lemuel Guerra, por me estimular a fazer o meu projeto de seleção de ingresso no Mestrado no PPGCS/UFCG. Muito obrigado.

Ao professor Rodrigo Grünwald pelas discussões nas salas de aula e corredores da Universidade.

Ao Grupo de Pesquisa Sociabilidades e Conflitos Contemporâneos.

Aos brothers da “Esquina da Sujeira” e demais loucos e loucas das Malvinas por dividirmos bons momentos e muito rock’n’roll. Bons e velhos tempos!

Aos funcionários da Universidade Federal de Campina Grande.

Aos amigos da UFCG: Aldo Nunes, Neto Queiroz, Luis Henrique Gamboa, Demetrio Gamboa, João Matias, Valdênio Meneses, Thiago Chico, Laisa Feitosa, Jardelle Agripino, Romana Silva, Caroline Leal, Carlos Boemia, Rafael Leal, Lucas Moura, Rodolfo Costa, Tiago Fernandes, Fabiano Marabá, Conceição, Josileide Carvalho, Daniel Ferreira, Renato Cristiano, Jaqueline Martins, Gládia, Renata Milanês, Banjaqui Nhaga, Aldenor Macedo, Danilla Aguiar, Pedro Pacheco, Gilson Pereira, Renan Monteiro, Joyce Aquino, Joadir da Silva, Ana Maria Monteiro, Débora Fernandes, Melise Lima e demais.

Ao colega de trabalho, professor Thomas, pelas conversas agradáveis sobre futebol e torcidas.

Aos meus alunos da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Sólton de Lucena e Escola Estadual de Ensino Fundamental de Médio de Alcantil.

*(...) a sociabilidade demanda o tipo mais puro, claro e atraente de interação, aquela que se dá **entre iguais**. Pela sua natureza, ela precisa criar seres humanos que se desapegam de seus conteúdos objetivos e que, assim, modificam o seu significado interno e externo para se tornarem sociavelmente iguais.*

Georg Simmel

RESUMO

O presente trabalho busca desenvolver os modos de interações sociais entre os Torcedores Organizados em Campina Grande/PB, com foco de pesquisa na Torcida Organizada Facção Jovem. A nossa questão é voltada para analisar as formas de interação social entre os Torcedores Organizados através de análise dos padrões de comportamento. As ações (simbólicas ou físicas) deste grupo possibilitam diversas formulações e preconceitos populares. Ser um torcedor organizado significa pertencer a um *estilo de vida*. Dessa maneira, surgiram algumas inquietudes a respeito das opiniões elaboradas acerca do comportamento dos indivíduos pertencentes a estes grupos. Trabalhos foram realizados em diversas regiões do Brasil, como também em muitos países do ocidente. No entanto, achamos pertinente o tema e possível de analisar o modo de vida dos Torcedores Organizados de uma maneira mais próxima. O trabalho teve como base a observação participante nos estádios, na sede da Torcida Organizada e nas ruas da cidade onde foram entrevistados torcedores da Facção Jovem e torcedores não pertencentes à Organizada. Durante a pesquisa, buscamos referências em autores como Michel Maffesoli e Georg Simmel considerando que as Torcidas Organizadas são as novas *Tribos Urbanas*, pois nos remete à junção entre o novo (através do acesso às tecnologias e o processo acelerado de urbanização) e entre o arcaico (no que diz ao envolvimento de grupos sob relações emotivas e sentimento de pertencimento a um clã). É nosso interesse compreender as formas de interação social entre os torcedores da TFJ através de suas relações com os símbolos e valores mobilizados com o clube futebolístico e como a Facção pode ser considerada uma comunidade emocional, mobilizada por sentimento de pertencimento entre os membros do grupo e, simultaneamente, conflitos entre torcidas rivais.

Palavras-Chave: Torcidas Organizadas; Tribos Urbanas; Sociabilidade.

ABSTRACT

This paper is meant to develop the ways of social interaction between organized group of soccer fans in Campina Grande, Paraíba, focused on the soccer group FacçãoJovem. We set point at analyzing the different ways of interaction between members of this group through behavior pattern analysis. The actions (physical or symbolical) of this group make possible several formulations and popular prejudice. Being a member of an organized group of soccer fans means to belong to a *lifestyle*. Thus, some nervousness have emerged, regarded to the opinion around the behavior of individuals that belong to this kind of group. Several dissertations were elaborated in different regions of Brazil and in several western countries, however, we believe that this is a pertinent matter and their *lifestyle* can be analyzed in a closer approach. This work set basis on observation on participants at stadiums, in the group headquarters and in the streets, where we interviewed members and non-members of FacçãoJovem. During the research, we sought reference in authors such as Michel Maffersoli and Georg Simmel, considering these organized groups as urban tribes, what lead us to the junction between new (through access to technologies and the fast process of urbanization) and the ancient (regarded to the emotional involvement and the feeling of belonging to a clan). It is our interest to comprehend the patterns of social interaction between members of FJ, through their relation with symbols and mobilized values with the soccer firm and how this group can be considered an emotional community, mobilized by this feeling of belonging to a group and, simultaneously, conflict with rival groups.

Keywords: Organized Soccer Fans Group, Urban Tribes, Sociability, Social Interaction.

LISTA DE FOTOS

FIGURA 1 - Sede do Campinense – Prédio da Escola Campinense	27
FIGURA 2 - Boate Cartola.	27
FIGURA 3- Projeto Arquitetônico (1960) de Tertuliano Dionísio: Boate Cartola, Ginásio César Ribeiro, salão de festas e do Parque Aquático	29
FIGURA 4 - Construção da Boate Cartola	29
FIGURA 5 - Arquibancada sol do estádio O Amigão	43
FIGURA 6 - Reunião da Faccção Jovem. Antigo prédio da Boate Cartola, onde eram realizadas festas da elite de Campina Grande há algumas décadas	44
FIGURA 7 - Convocação dos membros da TFJ para reunião e bingo	47
FIGURA 8 - Raposa (mascote do Campinense) morta.	47
FIGURA 9 - Caixão representando a morte do galo quando o Treze Futebol Clube foi desclassificado do Campeonato Paraibano de 2012	48
FIGURA 10 - Mascote da raposa elitista.....	49
FIGURA 11 - Mascote da Faccção.....	49
FIGURA 12 - Revista nas ruas de Campina Grande próximas ao estádio o Amigão.....	62
FIGURA 13 - Arquibancada Sol do Estádio O Amigão.....	66
FIGURA 14 - O antigo Ginásio César Ribeiro ainda resiste ao tempo e abandono; campo de treinamento e arquibancadas do Campinense Clube.....	70
FIGURA 15 - Prédio da antiga Boate Cartola – Sede atual da Faccção Jovem.....	71
FIGURA 16 - Tatuagem no braço de um torcedor Faccção – marca das iniciais da torcida organizada.	74
FIGURA 17 - Torcedores da Faccção Jovem e Faccção Brasiliense no Estádio presidente Vargas.....	78
FIGURA 18 - Homenagem póstuma a um antigo torcedor da Faccção Jovem – “Rosa Cruz” é um bairro de Campina Grande.....	78
FIGURA 19 - Bandeiras e faixas - TJG e alguns aliados - confiscados em confrontos nas ruas.....	80
FIGURA 20 - Faixa da TJG – Antes e depois do confisco.	81

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - TORCIDAS ORGANIZADAS DA PARAÍBA.	38
TABELA 2 - TORCIDAS ORGANIZADAS ALIADAS À FACÇÃO.	76

LISTA DE SIGLAS

CHARANGALO – Charanga do Galo

FIGA – Fiéis do Galo

GUGA – Galera Unida do Galo

MPPB – Ministério Público da Paraíba

PMPB – Polícia Militar da Paraíba

PV – Estádio Presidente Vargas

QUENGA – Quentes do Galo

TEGA – Terroristas do Galo

TFJ – Torcida Facção Jovem

TJG – Torcida Jovem do Galo

ORA – Torcida Organizada da Raposa

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO 1: SITUANDO A PESQUISA: CONHECENDO O CONTEXTO	
HISTÓRICO E SOCIAL CAMPINENSE CLUBE	26
O Campinense Clube.....	26
O Futebol no Campinense.....	28
CAPÍTULO 2: O SURGIMENTO DAS TORCIDAS ORGANIZADAS.....	32
O <i>Hooliganismo</i>	32
As Torcidas Organizadas no Brasil	34
A trajetória das Torcidas Organizadas em Campina Grande	38
2.3.1 Torcida Jovem do Galo.	39
A Facção Jovem	40
O futebol como controle social.....	45
Facção e o desvio do controle social	48
CAPÍTULO 3: AS TEIAS DE SOCIABILIDADE ENTRE OS TORCEDORES DA	
FACÇÃO.....	53
Relações Comunitárias Contemporâneas.....	53
Ressignificando as Ruas da Cidade.....	57
A Rua no dia do “Clássico dos Maiorais”.	58
O Estádio O Amigão.....	60
“Clássico dos Maiorais”: onde é permitido ou proibido circular fora do estádio..	61
Dentro do Estádio: Arquibancada Sombra x Arquibancada Sol.	63
A facção na Arquibancada do Estádio.	65
A Facção Jovem na Sede	68
O que se faz na sede?.....	72
O significado das faixas.....	74
O confisco das faixas.....	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	84
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	88
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES	91

INTRODUÇÃO

O trabalho tem como objetivo compreender as formas de interação entre torcedores organizados de futebol em Campina Grande/PB. A construção deste texto foi permitida através da curiosidade de conhecer os estilos de vida correspondentes ao meio urbano. O ritmo acelerado das cidades nos permite observar que as sociedades são correlacionadas às diversas maneiras de manifestações culturais e estilos de vida. As divisões de classes são correspondentes ao desenvolvimento do capitalismo, crescimento das cidades entre outros aspectos, propiciando, assim, certa polifonia de gostos, sentidos e emoções.

Ao pensarmos sobre o modo de vida urbano, podemos relacionar características como impessoalidade, violência, quantificação, velocidade, entre outras diversas categorias subjacentes aos novos estilos de vida cidadina.

As Ciências Sociais surgiram a partir de transformações desenvolvidas através da era industrial e desenvolvimento das cidades através do processo de civilização, surgindo, então, novas maneiras e visões de lidar com o mundo. No que se refere ao processo de urbanização e surgimento das cidades modernas, em 1910 a Escola sociológica de Chicago surgiu nos Estados Unidos através da fundação do Departamento de Sociologia de Chicago, inaugurado pelo sociólogo Albion W. Small. Além de Small, houve contribuições de Park, Burgess, McKenzie entre outros cientistas que trataram com os primeiros trabalhos da Escola de Chicago dedicados aos problemas do universo urbano. Logo após a primeira década da fundação da escola, surgem outros colaboradores, entre eles se destacando Wirth, e Hughes. Os Cientistas Sociais da Escola de Chicago tinham o seu foco na vida da metrópole crescente. Entretanto, os pesquisadores descobriram que os problemas sociais imediatos e concretos de Chicago eram, fundamentalmente, essenciais e típicos de todo o nosso mundo industrializado e urbanizado. E se as problemáticas fossem analisadas cientificamente, os pesquisadores poderiam ter respostas às transformações sociais do meio urbano.

Mas o que vem a ser a cidade? Segundo Wirth (1970), a cidade não é apenas um espaço onde se concentram diversos seres humanos em um ambiente limitado; a cidade é, também, um sistema complexo de seres humanos que representam a individualização, a modernidade, a ciência e a tecnologia, a razão e heterogeneidade em diversas características em que os indivíduos podem diferir uns dos outros. Segundo Park (1970), a civilização moderna transformou não apenas o funcionamento da instituição econômica, mas também de todos os outros os tipos de instituições sociais. Esses fatores viabilizaram consequências

como a extensão da teia das relações humanas, possibilitando maior mobilidade social dos indivíduos e permitindo que estes se socializem sob concepções ideológicas. Para Weber (1999:410) a cidade significa “um assentamento com mercado permanente”, ou seja, as cidades são definidas sob dois critérios. O primeiro destaca que uma cidade corresponde à cultura sedentária desenvolvida de acordo com a cultura comercial; no segundo critério, a cidade é organizada também sob o modelo de fortaleza, onde o fenômeno da segurança designa que os indivíduos protejam o seu território em comunidade.

As relações econômicas podem ter causado o progresso das civilizações, mas não podemos afirmar que as sociedades estão envolvidas exclusivamente e unicamente sob a esfera econômica, como não é o caso de Max Weber. Como justificativa, a sociedade, segundo Simmel (2006), só existe a partir de interações sociais. O dinheiro significa uma das maiores representações da sociedade moderna. Isso significa que a cultura monetária surgiu para libertar os indivíduos modernos. Com relação ao termo “liberdade”, é importante explicarmos que indivíduo moderno não está mais engendrado nas relações de servidão e patronagem, características do período medieval. O dinheiro tornou-se denominador comum de todos os valores e possibilitou que a mente moderna se tornasse mais calculista, fazendo com que todas as coisas sejam realizadas sob o universalismo do fenômeno monetário. Sendo assim, o dinheiro permitiu que a produção para o mercado possibilitasse que indivíduos desconhecidos mantivessem relações através da economia monetária. Isso nos faz pensar que os indivíduos não serão passíveis de isolamento. Pelo contrário, a cultura moderna nos mostrou que as relações sociais são compostas, fundamentalmente, por aspectos dinâmicos, de transformações.

Quem nunca pensou que a modernidade, juntamente com a tecnologia, poderia deixar as relações sociais em colapso ou declínio? A internet, por exemplo, é um forte instrumento de comunicação social contemporâneo. A partir de medidas governamentais, no Brasil, as pessoas tiveram mais acesso a artifícios tecnológicos, e o acesso à informática cresceu rapidamente, possibilitando que pessoas de todos os territórios e etnias pudessem ter acesso à globalização, seja no campo ou nas cidades, em bairros das elites ou em zonas periféricas. Os indivíduos contemporâneos que têm acesso à internet, que trabalham muitas horas por dia, que têm diversas funções no cotidiano, não são essencialmente individualizados sob a lógica da modernidade. Pelo contrário, Maffesoli (2010) propõe que o sujeito contemporâneo está correlacionado ao “paradigma estético” que consiste no “sentido de vivenciar ou de sentir em comum” (p.37). Essa perspectiva teórica consiste em superar com a clássica da filosofia

burguesa que é fundamentada em separar sujeito e objeto. Contrariamente, esse autor acredita que o sujeito contemporâneo não separa, mas une. Antes, o “eu” individualista afirmado sob os conceitos do pensamento das revoluções modernas, é questionado pela ideia de existência de “nós”. Buscando compreender o pensamento Maffesoli (2010), o “nós está imbricado sob o compartilhamento dos sentimentos coletivos de valores que se preocupa com a “sensibilidade coletiva como instrumento de primeira ordem” (2010:51). O *tribalismo*¹ é a denominação que o autor concebeu aos grupos contemporâneos que ocupam as cidades e metrópoles. As tribos são movidas por sensibilidade coletiva correlacionada nas ações cotidianas. O fato de estar junto, jogar conversa fora, “ficar de bobeira²” são elementos fortes nas tribos urbanas. Tais características desenvolvem grandes esferas de valor no grupo e possibilita que todos se sintam acolhidos dentro de uma alógica comunal na qual todos compartilham o gozo da vida e sentimentos coletivos.

Voltando à pertinência e construção da pesquisa, o meu interesse em Torcidas Organizadas surgiu a partir de olhares pessoais em rotinas cotidianas durante trajetos regulares dentro da cidade em dias de jogos clássicos. Uma grande dúvida me veio: qual será o motivo que faz com que os jovens torcedores organizados saiam pelas ruas da cidade em grupos, uniformizados, cantando músicas que incentivam o conflito? Qual seria a diferença entre o torcedor organizado e não organizado? Por que pertencer a uma torcida organizada? Essas inquietudes me fizeram buscar conhecer de perto uma Torcida Organizada porque o grupo constitui e ocupa o cenário urbano da cidade. E porque o futebol é uma prática que faz mobilizar todas as camadas sociais brasileiras? Desse modo, a Torcida Organizada Facção Jovem (TFJ), correspondente ao Campinense Clube, é o grupo em foco para a realização desta pesquisa. A partir destas questões, surgiram os seguintes objetivos a serem delineados durante a pesquisa:

- ✓ Desenvolver o sistema de construção e formação das Torcidas Organizadas em Campina Grande;
- ✓ Compreender as formas de interações sociais entre os torcedores organizados da TFJ através de suas relações com os símbolos e valores por eles mobilizados com o clube futebolístico;

¹ Ler “O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa”. (MAFFESOLI, 2010).

² Expressão utilizada por jovens. Remete a “ficar sem fazer nada”, algo que não está dentro dos padrões ocupacionais da lógica capitalista.

- ✓ Verificar a importância da torcida organizada para os indivíduos pertencentes e como estes se relacionam através de sentimento coletivo;

Situando a Pesquisa: Contexto Futebolístico no Brasil e em Campina Grande

O futebol é uma paixão forte dos brasileiros. Popularmente, para alguns, falar deste esporte é mais comum do que discutir religião ou política, sendo o mesmo um elemento representante da identidade brasileira. A chegada do futebol ao Brasil, segundo DaMatta (1994), representou um processo de difusão cultural. O carnaval, os festejos dos santos católicos entre outros fenômenos foram trazidos da Europa através do sistema colonial e imperialista. Assim, também o futebol foi importado do continente europeu, primeiramente, atendendo às elites nacionais, mas depois foi transformado em uma modalidade que conquistou todas as classes.

Nos anos 70 do século passado, o futebol brasileiro se torna um catalisador da construção de um projeto de identidade nacional, engendrado no período militar, na direção da moldagem de um clima de ufanismo, muito bem expresso em músicas populares da época como *Ninguém segura esse país* ou *Todos juntos. Vamos, pra frente, Brasil*. Os anos 70 marcam um período crucial para a consolidação do futebol como *mania nacional*, mediada pelo governo militar, a quem interessava a disseminação de um ideário nacionalista, como também pelas construções de diversos estádios de médio e grande porte em diversos Estados do país. Naquele período, o futebol transcendia os domínios locais, “tornando-se explicitamente um fator de agenciamento de interesse políticos, econômicos e sociais mais abrangentes” (TOLEDO, 1996: 24). Há, também, indícios de que o futebol representa a vida do brasileiro por significar, de um lado, a exclusão; e de outro as capacidades de inclusão social.

No entanto, o futebol pode ser considerado uma importante representação social, uma significação do cidadão brasileiro, que é revelada nos campos, nas festividades dos torcedores, nas partidas de futebol. É uma atividade que consegue mobilizar milhares de pessoas que se envolvem, diretamente ou indiretamente, de diversas maneiras em eventos de cunho futebolístico.

No que se refere ao estado da Paraíba, há indícios de que o futebol foi trazido em 1908 por alguns jovens, filhos de aristocratas, que estudavam em outros estados e voltavam para as suas férias escolares. Estes trouxeram do Rio de Janeiro uma bola de couro para realizarem a

primeira partida de futebol no Estado paraibano (cf. MEDEIROS, 2006). Surge, então, o primeiro time de futebol denominado “Club de Football Parahyba”, dividido em duas equipes: Norte e Sul. Ainda segundo Medeiros (2006:28), a primeira partida de futebol na Paraíba ocorreu no dia 15 de janeiro de 1908, no sítio do coronel Manoel Deodato na cidade de João Pessoa, tendo um grande público comparecido ao local para assistir à partida. Em Campina Grande, a primeira partida de futebol é registrada em 1913, na Rua João Pessoa (cf. MEDEIROS, 2006). Apesar de terem pouco conhecimento a respeito das regras futebolísticas, os jovens se divertiam com a nova modalidade. Os mesmos eram repreendidos por militares da época, porque era inadmissível ver homens praticamente nus no meio da rua (os jovens trajavam calções um pouco acima dos joelhos). O esporte mobilizava a juventude da cidade, pois, vale salientar, era algo moderno, trazido do Rio de Janeiro.

Com o passar do tempo, o futebol se profissionaliza no Brasil, bem como no estado paraibano. O cenário futebolístico é marcado, principalmente, pela rivalidade entre dois times: Campinense Clube e Treze Futebol Clube. Há também o Botafogo, de João Pessoa; o Sousa Esporte Clube, de Sousa; entre outros times. Todavia, a maior rivalidade esportiva paraibana é representada pelos dois primeiros times de Campina Grande. O Campinense Futebol Clube surge de uma agremiação social aristocrática importante da cidade, em 1918; o Treze Futebol Clube, em 1925, em uma reunião entre treze amigos que estavam interessados em formar uma agremiação esportiva em Campina Grande. Atualmente, os dois times contam com as seguintes torcidas organizadas: TFJ (Torcida Fação Jovem), T.O.R.A (Torcida Organizada da Raposa) e Raposa Chopp; Tocha Alvinegra e TJG (Torcida Jovem do Galo). As torcidas organizadas correspondem ao Campinense Clube e Treze Futebol Clube, respectivamente.

O torcedor tem uma importante participação nas partidas de futebol; ele é considerado um *jogador a mais* no campo. Ele participa ativamente dos jogos: grita, canta, chora, reclama, se contorce e expressa diversos gestos emotivos e “por isso mesmo o torcedor tem uma posição ativa; ele acredita, e que muitas vezes assim acontece que tem o poder de interferir no jogo, seja estimulando com seus cantos, seja vaiando o opositor” (DIÓGENES, 2003). Esse é o espírito de rivalidade. Como medida de segurança, realizada entre os órgãos responsáveis pela segurança pública, torcidas se concentram separadamente no espaço físico do estádio e também há separação de acesso ao estádio para cada torcida. Mesmo com todo o sistema de segurança, em algumas situações as relações competitivas vão além dos times em campo, se estendendo entre os torcedores, algumas vezes entre torcidas organizadas rivais ou entre

torcidas organizadas e polícia militar. Esses conflitos são temas de jornais impressos do estado cujas visões são, em boa parte, preconceituosas. Ribeiro (2010) explica que as matérias publicadas em sites, televisão, sites de internet etc. transmitem arquétipos para explicar a composição da identidade dos torcedores organizados, reduzindo os seus comportamentos sob questões de “virilidade, violência, vandalismo e álcool” (RIBEIRO, 2010: 46). Esses comportamentos estereotipados são disseminados pela imprensa no sentido de vender notícias. Portanto, o sensacionalismo jornalístico é uma fonte de desenvolvimento estigmatizante de vários aspectos sociais, entre eles, as relações entre jovens de torcidas organizadas. Segundo Ribeiro (2010:47) a concepção de “hooliganismo” elaborada pela imprensa, representa a necessidade de comercial de fazer jornal, promovendo o espetáculo social acerca do comportamento das torcidas organizadas. Mas sabemos que os fatos nem sempre correspondem ao que é divulgado nos meios de comunicação.

As torcidas Organizadas surgiram no Brasil em 1940 com a Torcida Uniformizada do São Paulo, em 1940; e em 1942 a Charanga Rubro-Negra foi fundada por Jaime Rodrigues de Carvalho. Segundo Murad (2012) em meados da década de 70 do século XX, época de Ditadura Militar, surgiram grupos de torcedores extremados e radicais que começaram a preocupar as instituições governamentais, pois esses torcedores eram perigosos e, portanto, problema social. Apenas no início da década de 90 do mesmo século as torcidas organizadas se tornam notícias nas emissoras de TV, nas rádios e jornais. No caso de Campina Grande, as torcidas organizadas têm relevância em meados da virada do século. A Facção Jovem, torcida em foco de pesquisa, foi fundada em 2002 na reunião entre amigos torcedores do Campinense Clube. A torcida Facção Jovem é conhecida por ser a torcida organizada mais popular de Campina Grande, principalmente por ficar situada sempre nas arquibancadas com preços mais acessíveis nos estádios.

O trabalho terá como estrutura 3 (três) capítulos. No primeiro, faremos uma delimitação do processo histórico do Campinense Clube. Sabemos que o foco da pesquisa é a torcida organizada Facção Jovem. No entanto, é importante relacionarmos a torcida ao clube futebolístico. Será importante desenvolver como a situação da popularidade atual do Campinense Clube é distinta daquela quando a instituição foi fundada com fins recreativos das antigas classes elitistas de Campina Grande; como depois o Campinense começou a ser popularizado através do início das práticas futebolísticas amadoras até o profissionalismo; e,

nesse âmbito histórico e social, como surgiu a Facção Jovem, grupo estigmatizado por instituições em geral.

O segundo capítulo terá como objetivo delinear a formação das Torcidas Organizadas na Paraíba, especificamente em Campina Grande, lugar onde teve a primeira Torcida Organizada no Estado. No entanto, é importante desenvolvermos a formação da Facção Jovem enquanto T.O para desenvolvermos o trabalho.

O terceiro capítulo trata das relações de sociabilidade entre os torcedores organizados. Buscaremos compreender a importância e o significado do território para as Torcidas Organizadas. Por exemplo, como as ruas da cidade são transformadas nos dias de jogos clássicos. A importância de estar no campo do inimigo em jogos que o Campinense não participa. E qual a correlação existente entre território e bens simbólicos produzidos pelos próprios torcedores organizados e a importância destes estarem configurados dentro de um mesmo grupo social compartilhando símbolos, valores e emoções.

Algumas Concepções Metodológicas

Este trabalho teve como fundamento metodológico a observação participante. Qual a importância de observar pessoalmente os fatos estudados? Participar de eventos, reuniões e demais eventos me possibilitou conhecer de perto as relações face a face entre os torcedores da Facção.

Bronislaw Malinowski (1984), em sua pesquisa nos arquipélagos da Nova Guiné, nos traz um dos exemplos de como fazer pesquisa qualitativa em campo. Através da busca dos *imponderáveis da vida real*, o pesquisador conseguirá operar não apenas na estrutura social da vida do universo pesquisado, mas ele avançará bastante em sua pesquisa participando de fluxos regulares dos acontecimentos cotidianos, “as ocasionais demonstrações de excitação em relação a uma festa, cerimônia ou fato peculiar” (1984: 27). Qual a importância dos imponderáveis nesta pesquisa? Podemos organizar minha inserção em campo em duas etapas.

No primeiro momento, eu tive de ir a muitos jogos de futebol para buscar compreender as ações dos torcedores, em geral, nos momentos preliminares, (nas ruas, bares, espaços ocupados ao redor do estádio, transportes coletivos e terminal de integração) e, também, durante as partidas de futebol. As observações em jogos foram realizadas durante o segundo semestre de 2012, na conquista do Campinense Clube do Campeonato Paraibano. E

entre os meses de janeiro a março de 2013, quando o Campinense ganhou o campeonato da Copa do Nordeste. Apesar de fazer algum tempo em que eu não ia a um estádio, eu ainda tinha certa familiaridade com o espaço como torcedor. Eu tive de aprender a decodificar o espaço social. Isso pra mim foi muito importante. Por quê? Porque me possibilitou observar que todas aquelas pessoas trajadas com mesmas cores que representam um mesmo brasão não são tão iguais como aparentam ser.

Em visões superficiais, um grande número de pessoas ou uma multidão pode significar aspectos de homogeneidade cujos conceitos podem ser elaborados através da familiaridade ou dos demais objetivos do interpretador. Segundo Gilberto Velho (1978), o grau de familiaridade pode constituir-se em impedimento se não for objeto de reflexão sistemática através do exercício de relativização. Podemos estar acostumados com a paisagem social que nos cerca, no entanto, isso não significa que temos uma compreensão lógica de suas relações. O nosso conhecimento pode estar obscurecido por rotinas, hábitos e estereótipos, ou seja, podemos categorizar as relações, mas não necessariamente compreender os princípios e mecanismos que organizam essas análises. Gilberto Velho propõe, metodologicamente, que o pesquisador tenha o caráter de interpretação e dimensão de subjetividade envolvidas no trabalho de campo. No caso, o familiar sempre será filtrado no olhar do antropólogo e percebido de maneira diferenciada. E o mais importante neste tipo de exercício é a necessidade de perceber o rigor científico deste exercício de percepção enquanto objetividade relativa nas ciências sociais, afirma Velho. Através do observar antropológico, pelo menos nesta pesquisa, essa aparente homogeneidade se transforma em uma interessante heterogeneidade acionada sob múltiplas maneiras de se comportar dentro e fora dos estádios. As múltiplas maneiras de agir em uma arena futebolística podem ser realizadas por questões de espaços (cadeiras, arquibancada sombra, arquibancada sol – e demais estratificações internas subjacentes às categorias citadas) correspondentes às divergentes camadas sociais, como também de grupos que são formados em detrimento à divisão espacial que propicia diversas maneiras de sociabilidade; como também fora dos estádios, seja na ocupação das ruas por torcedores dos seus respectivos times, também nas manifestações em bares, casas, sedes de torcidas organizadas, transportes coletivos etc.

Segundo Toledo (2011) sob toda a homogênea impessoalidade da multidão, percebe que ali residem modos e comportamentos específicos de se relacionar com o evento futebolístico; esses comportamentos específicos são articulados sob redes de práticas e

condutas, representadas por laços de amizade, identidade, companheirismo, hierarquia, conflito, disputa que desmistificam as noções gerais dos comportamentos de massa.

O segundo momento metodológico da minha inserção de pesquisa de campo foi conhecer os membros torcedores da Torcida Organizada Facção Jovem, correspondente ao time Campinense Clube, de Campina Grande/PB, entre os meses agosto e setembro de 2013, geralmente, aos sábados. Após muitas idas aos estádios de futebol, eu precisava conhecer, pessoalmente, os torcedores da Facção Jovem, já que o foco de pesquisa era compreender as relações de sociabilidade e sentimento de pertença entre os torcedores organizados da Facção. Eu confesso que, antes de ir a campo, eu fiquei muito ansioso, sentindo calafrios, para realizar o primeiro contato com os torcedores organizados. De fato, não foi fácil o primeiro contato pessoal com eles na sede da torcida:

(...) alguns deles se distanciaram de mim e não quiseram conversa. Eu passei em média uns 20 minutos apenas observando as pessoas, pelo menos tentando não aparentar tanta curiosidade para não parecer tão artificial a minha presença.

Um estranho no ninho deles. Foi assim que eu me senti. E os olhares de desaprovação me deixavam aflito durante quase todo tempo na primeira reunião. Apenas alguns momentos depois houve uma ocasião que, talvez, me possibilitou o crédito dos torcedores:

Após discutirem as pautas da reunião, vejo que se aproximam dois rapazes com cervejas. E todos ficam à vontade. Alguns bebem, conversam (...) Ofereceram-me cerveja, eu aceitei e daí fomos conversando com algumas pessoas. Os rapazes que me receberam, quando eu cheguei, ficaram distantes. Mas alguns se aproximaram e ficaram contando as suas experiências em jogos anteriores: brigas, confusões, fatos engraçados etc.

Os primeiros contatos com os torcedores foram intermediados por dois segmentos: o primeiro através de Franklin³, meu anfitrião e membro da torcida Facção há um bom tempo, que, infelizmente, não pôde estar no primeiro contato com os torcedores. E o segundo segmento através das redes sociais da internet, espaços onde todos estão conectados e, assim, marcando reuniões e eventos. Através do primeiro contato, eu pude realizar seis entrevistas, sendo uma perdida por mau manuseio do gravador. Além de fotografias, pequenos questionários fechados e, o mais importante, participação dos eventos. Como um pesquisador

³Nome fictício.

em formação, Evans Pritchard (1976: 300) contribuiu, metodologicamente, afirmando que “(...) o antropólogo deve seguir o que encontra na sociedade que escolheu estudar: a organização social, os valores e os sentimentos do povo e assim por diante”. Todos estes fatos devem ser estudados exclusivamente através de interações e comportamentos dos indivíduos. Como diria Waquant (2002) “o agente social é, antes de mais nada, um ser de carne, de nervos e de sentidos (...)”, é interessante valorizar as ações dos sujeitos, pois é através de objetivos, paixões, ódio, conversas, brincadeiras, e entre outros comportamentos que os sujeitos expressam o sentimento de estar reunido com seu grupo. Portanto, os fatos não podem ser analisados como um simples esboço dos acontecimentos, mas como a base para a compreensão do social. Esses grifos me fizeram buscar conhecer os torcedores. O fato de “estar lá” me fez saborear o quanto fazer pesquisa é árduo, mas, simultaneamente, é instigante porque são novos saberes adquiridos através de tantas frustrações, risos, novos laços de amizades e, além de tudo isso, pude conhecer de perto uma torcida organizada.

Os documentos e registros cibernéticos também foram utilizados nesse trabalho. A consulta de sites históricos da cidade e da Facção contribuíram para a análise dos atos históricos e sociais do futebol e da torcida organizada em Campina Grande. As fotografias ilustrativas também foram pertinentes e, algumas, foram consultadas aos sites correspondentes aos times de futebol e Torcidas Organizadas. Como também algumas redes sociais dentre as quais, especificamente, o grupo privado “Facção Jovem” me possibilitou manter informado sobre as eventualidades e reuniões da torcida organizada. Alguns questionários foram aplicados durante a pesquisa. Mas, apenas como maneira de explicar algumas variáveis sociais.

CAPÍTULO 1: SITUANDO A PESQUISA: CONHECENDO O CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIAL CAMPINENSECLUBE E TORCIDA

O Objetivo deste capítulo é apresentar o contexto histórico e social do Campinense Clube, desde a sua fundação até os dias atuais. Retrataremos como o Campinense Clube, agremiação aristocrática, se tornou um clube que atende às camadas mais populares de Campina Grande/PB.

Buscamos compreender como essa organização de princípio elitista se enveredou à prática futebolística profissional e quais foram os aspectos mais relevantes para que o clube chamasse atenção das camadas populares, lembrando que a primeira Torcida Organizada – sinônimo de massificação das torcidas de clubes futebolísticos – da Paraíba surgiu através do próprio Campinense Clube, possibilitando que os demais clubes também tivessem as suas Torcidas Organizadas.

O Campinense Clube

Antes de ser atraído pelas camadas populares de Campina Grande através do futebol, o Campinense Clube foi uma agremiação aristocrática fundada em 1915 com os seguintes fundadores: Elias Montenegro, Dino Belo, Antonio Lima, Sebastião Capiba, João Honório, Horácio Cavalcanti, César Ribeiro, Valdemar Candéia, Nhô Campos, Sindô Ribeiro, Serverino Capiba, Aduino Belo, Basílio Agostinho de Araújo, José de Amorim, Tertuliano Souto, Gumercindo Leite, Martiniano Lins, José Aranha, Alberto Saldanha, Acácio de Figueiredo, Arnaldo Albuquerque, Gilberto Leite, José Camara, Alexandrino e Aduino Melo. Através da expressão bairrista por Campina Grande, o clube surgiu para reunir bacharéis e empresários do ramo algodoeiro.

A primeira sede foi localizada na Rua Afonso Campos, no prédio do Colégio Campinense (ver FIGURA 1) cujo diretor era um dos fundadores do clube. Logo após, os associados construíram uma grande sede, localizada na Praça Coronel Antonio Pessoa. Após cerca de 30 anos, o Campinense Clube ganhou mais adesões, justamente por se popularizar através do futebol. Chegando a ter muitos associados, construiu uma boate (Boate Cartola ver

FIGURA 2) no bairro da Bela Vista (atualmente é o estádio e Centro de Treinamento “O Renatão”) e, em seguida, também foi construído um ginásio (César Ribeiro) e um centro aquático. Os associados aristocráticos tornaram o Campinense Clube numa agremiação que representava a elite da cidade. Com isso, criaram uma grande rede de sociabilidades realizadas a partir da agremiação:

Aos Sócios eram oferecidos bailes elegantes, apresentações de piano, jazz, tango, aulas de “etiqueta”, “coreographia”, “soirée⁴”, e, no período vespertino, as tertúlias. Seus oradores eram tidos como “notáveis”, seus primeiros presidentes, muitas vezes, eram os próprios prefeitos da cidade, ou membros da maçonaria, que faziam questão de nomear a agremiação como o “clube da elite”. (MARQUES, 2011:31).

Portanto, como se tornaria o Campinense Clube, uma agremiação de origem elitista, em uma instituição que tem, atualmente, em grande maioria, adesões das camadas populares? A partir de qual instância o Campinense Clube recebe o interesse de setores correspondentes das classes populares?

FIGURA 1:

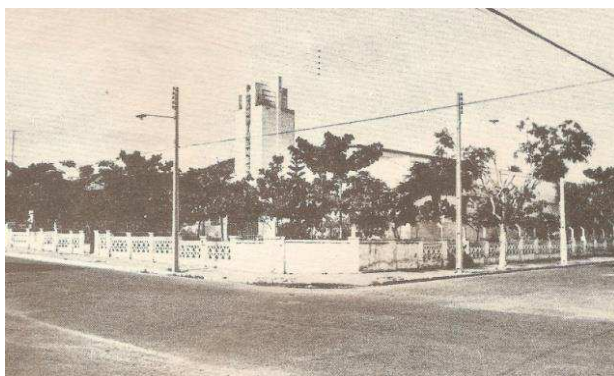


Figura 1 – Sede do Campinense – Prédio da Escola Campinense – Fonte: <http://cgretalhos.blogspot.com.br/>

FIGURA 2:

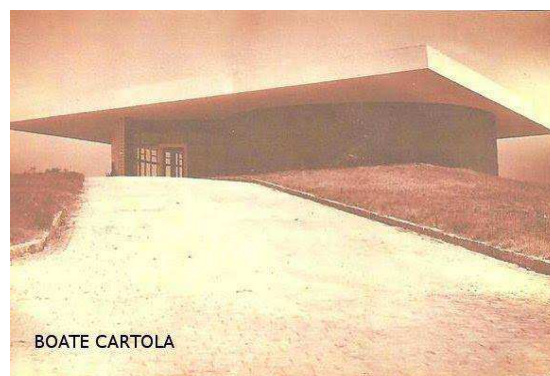


Figura 2 – Boate Cartola . Fonte: <http://cgretalhos.blogspot.com.br/>

⁴ Reunião social que ocorre à noite.

O Futebol no Campinense

O Futebol surge, no Campinense Clube, como uma atividade recreativa amadora. Os jogadores, filhos dos sócios do clube, jogavam pelada pelos diversos campos de várzea da cidade e, com isso, fez com que aqueles jovens formassem um time amador que representasse o Campinense Clube. As partidas foram realizadas, inicialmente, como atividades complementares através das viagens dos sócios às cidades vizinhas para participar de festejos. Sempre havia uma partida de futebol entre os jovens do Campinense Clube contra qualquer time de outra agremiação. (Revista 60 anos do Campinense Clube, 1975)

Em meados de 1917 o departamento de futebol foi criado pela diretoria. Porém, em 1920 o departamento foi cancelado no clube porque havia constantes brigas durante as partidas de futebol contra o seu principal rival da época, Clube América. Segundo a Revista 60 anos do Campinense Clube, no domingo em que havia jogo entre os dois rivais, a briga já era esperada. A rivalidade estava tão fervorosa que “a diretoria resolveu dissolver o time, pois, a estas alturas, bala se confundia com bola...” (1975: 6). Talvez porque o futebol tenha aberto lacunas ou espaços para as camadas populares. Segundo Marques:

Os incidentes produzidos durante as primeiras exposições de futebol trouxeram para o clube “aqueles” grupos sociais iletrados, gerando descontentamento nos seus sócios, membros da elite da cidade. A presença de populares não foi bem aceita pelas elites, uma vez que o cavalheirismo e o fair play terminaram por ceder lugar aos trancos e pontapés, assistidos por uma massa torcedora. (2011:35)

Há indícios de que, em meados da década de 40 do século passado, os associados do clube montaram um time como atividade recreativa na prática de futebol de várzea na cidade, mas nada oficializado. Em 12 de março de 1945, foi criado o Departamento de Futebol Amador do Campinense. O departamento visava formação de um time composto por filhos dos associados, mantendo o espírito futebolístico amador no grupo. Apenas em 1956 surgiu o time amador organizado para participar de competições locais. Através do apoio de banqueiros e empresários, o time deixa o amadorismo para assumir o cargo de profissional em 1958. Nessa época, o Campinense não tinha centro de treinamento. Portanto, o estádio Plínio Lemos, localizado no bairro popular José Pinheiro, se tornou o espaço de treinamento que perdurou por décadas. Nesse movimento, há muitas controvérsias sobre a adesão de camadas populares no Campinense Clube, sobretudo porque o clube era formado por classes letradas, portanto, aristocráticas, e a partir da profissionalização do futebol fez com que jogadores

profissionais de diversos estratos sociais e etnias participem dos clubes. Como também, o futebol desperta se torna popular, de acordo com incentivos políticos, como criação de estádios, centros desportivos, quadras comunitárias etc.

O Campinense Clube se transformou, em 1954, no Centro Esportivo Campinense Clube - CECC. Através dessa passagem, o Campinense Clube, como time de futebol, se transforma em uma instituição que abre as portas para as camadas populares. Outra maneira que fez o Campinense ser popularizado, através do futebol, foi o fato de ter o centro de treinamento localizado em um dos bairros mais populares de Campina Grande, o José Pinheiro, mais conhecido, popularmente, por “Zepa”.

Campão Estadual em 1960, 1961, 1962, 1963, 1964 e 1965, o time conseguiu um fato inédito na região nordestina. O Campinense é Hexacampeão. O impulso para a popularização do futebol em Campina Grande foi propiciado, também, por ter a presença da mídia (o rádio) nos estádios de futebol, bem como a propagação de programas esportivos que eram transmitidos nas principais rádios da cidade. O Campinense, em 1973, começou as obras de mudança para o Alto da Bela Vista. Foram construídos espaços de entretenimento para os associados e amigos do clube. A primeira obra concluída foi da Boate Cartola, inaugurada em 1961, sediou espaço para muitas festas para os associados e amigos. Em seguida, construído em 1965, o Ginásio César Ribeiro surge como espaço para a prática de diversas atividades esportivas e, além disso, sediou shows para artistas famosos nacionais. Também foi construído, em 1973, o Parque Aquático, com piscinas, área para jogos e bares. O espaço do parque serviu aos associados durante duas décadas. Mas, talvez por problemas administrativos, foi sendo abandonado aos poucos. Também poderia estar perdendo o interesse dos tradicionais bacharéis por causa do interesse das camadas populares que o clube vinha aderindo ao futebol.

FIGURA 3



FIGURA 4



Figura 3: Projeto Arquitetônico (1960) de Tertuliano Dionísio: Boate Cartola, Ginásio César Ribeiro, salão de festas e do Parque Aquático. Fonte: <http://cgretalhos.blogspot.com.br/>

Figura 4: Construção da Boate Cartola. Fonte: <http://cgretalhos.blogspot.com.br/>

Atualmente, a sede está situada no antigo centro aquático, localizado na Rua Rodrigues Alves, s/n, no bairro da Bela Vista, mantendo a estrutura do Ginásio César Ribeiro e da Boate Cartola, ambos desativados. Além de sediar a diretoria do clube, é localizado o estádio Renato Cunha Lima, mais conhecido popularmente como “O Renatão”. O estádio foi nomeado em homenagem a Renato, membro da família tradicional e política Cunha Lima. “O Renatão” foi construído sob ajuda dos associados e torcedores, sendo inaugurado em meados de 2006. Atualmente o estádio não suporta estrutura para partidas oficiais de futebol. Portanto se encontra funcionando como Centro de Treinamento e espaço de reuniões de torcedores, mesmo em períodos em que o time não está em atuação.

Mas parece que foi no Bairro José Pinheiro, “Zepa”, que o Campinense conseguiu conquistar interesse de populares que não se enquadravam no perfil tradicionalista da aristocracia fundadora do clube. Através da instalação do Centro de Treinamento no Estádio Plínio Lemos, sediado no mesmo bairro, “o Campinense constrói a sua identidade de time popular.” (Marques, 2011: 93). Foi no Plínio Lemos que os moradores do “Zepa” viram o Campinense ser Hexacampeão, jogar contra times famosos do Nordeste e do Brasil, como o Bangu e Flamengo, e isso despertou o interesse de moradores, de pessoas que não seriam bacharéis, empresários ou aristocratas. O Futebol do Campinense inverteu o papel da instituição e, com isso, houve mudanças sociais. Antes, foi um clube formado por classes elitistas providas de educação erudita, que buscavam, em conjunto, um espaço de entretenimento. Após a profissionalização do futebol e através da difusão da imprensa, o Campinense Clube é transformado em agremiação de agrado popular. Isso não significa que os laços elitistas deixaram completamente o sentimento e relações de sociabilidade com o clube. Há indícios de que há, ainda, segregações sociais entre os participantes do clube. Talvez possamos observar melhor as estratificações sociais internas no estádio de futebol em dias de jogo de futebol. Mas sabemos que, diante às transformações sociais, o Campinense Clube é uma agremiação que, com o desenvolvimento e profissionalização do futebol, conquistou milhares de torcedores e amantes do clube de todas as camadas sociais. O Campinense Clube, pode ter se transformado em uma agremiação popular através do futebol e

talvez também por ter sido sediado no Bairro José Pinheiro e, logo após, no Bairro Bela Vista, ambos os bairros habitados, em geral, por camadas populares.

As Torcidas Organizadas de futebol significaram um processo de popularidade do futebol como arte e entretenimento dos brasileiros em geral. Na década de 70 do século anterior, as Torcidas Organizadas surgiram no Brasil com bastante intensidade. No mesmo período, a Paraíba tem a sua primeira Torcida Organizada formada entre 1975/1976, com a T.O.R.A. Este fato é interessante porque traduz esta passagem do Campinense Clube, antes agremiação elitista, delineando e se configurando como um time que despertou o interesse popular em geral, formando, assim, a primeira Torcida Organizada do estado da Paraíba.

CAPÍTULO 2: O SURGIMENTO DAS TORCIDAS ORGANIZADAS

Na busca de compreender como se relacionam as Torcidas Organizadas em Campina Grande/PB, em específico através da Facção Jovem, este capítulo tem como objetivo mostrar o surgimento das Torcidas Organizadas no contexto local. No entanto, iremos traçar um processo histórico sobre o surgimento do *Hooliganismo* no continente europeu, quais as suas características e contextos sociais. Em seguida, buscaremos mostrar como se formaram as Torcidas Organizadas no Brasil, especificamente na região sudeste.

Trataremos com maior atenção à formação das Torcidas Organizadas em Campina Grande/PB: como foi formada a T.O.R.A (Torcida Organizada da Raposa) sendo a primeira Torcida Organizada da Paraíba, correspondente ao Campinense Clube e as demais Organizadas do mesmo período correspondente à fundação da primeira Organizada da Paraíba.

Daremos ênfase às fases de formação da Facção Jovem. Quais foram os seus fundadores, a sua trajetória enquanto grupo e como esta se relaciona com o seu principal rival, a Torcida Jovem do Galo.

O Hooliganismo

O termo *Hooligan* é geralmente referido ao comportamento agressivo, desviante ou destrutivo entre torcedores de futebol e teve origem na Inglaterra em meados na década de 60 do século anterior, quando a Inglaterra foi sede da Copa do Mundo. Mas qual seria a origem da do termo? Segundo Eric Dunning em entrevista à revista *Horizontes Antropológicos*:

O termo “hooligan” em si datado dos anos 1890 – supostamente, seria uma corruptela de “Houlihan”, o nome de uma violenta família irlandesa que vivia em Londres – e o termo “hooligan” aplicado ao futebol parece ter sido usado pela primeira vez com relação aos *Derbies* (jogos entre times rivais de uma mesma localidade) nos anos de 1920. (GASTALDO: 2008:225)

Isto significa que o *Hooliganismo* foi e ainda é associado à violência no futebol. Segundo Luccas (1998) o termo é utilizado para associar a grupos em que o padrão de comportamento social pode ser atribuído à violação declarada e à transgressão. Há indícios em que se pode afirmar que o *Hooliganismo* surgiu das classes inglesas operárias através do sentido de protestar medidas políticas daquele país em um momento em que surgiram diversos grupos e turmas de jovens ocupando o espaço urbano da Inglaterra. Neste período, havia um problema com a delinquência juvenil como os *Teddy boys*, os *mods*, os *rockers* e os *skinheads*. Mas a imprensa contribuiu com a produção da violência dos *hooligans* explorando o lado mais agressivo destes torcedores. Houve também a ressignificação dos estádios para as famosas arenas, espaço propício para duelos, assim como afirmou Dunning:

Os estádios de futebol passaram a ser definidos por candidatos a hooligan como arenas, para onde sempre iam os “forasteiros” prontos para ser atacados. A mídia explorou este fato. Depois de 1966, os “skinheads”, com suas cabeças raspadas e sua forma de vestir típica da classe trabalhadora se tornaram a forma arquetípica do hooligan, mesmo que alguns deles tivessem vindo (e ainda vêm) de ambientes “respeitáveis” de classe média. (GASTALDO: 2008:226)

Segundo Monteiro (2003), o comportamento dos *Hooligans* surgiu nas características típicas europeias da metade do século XX como o nacionalismo xenófobo e/ou com o comportamento de grupos neonazistas ou neofascistas daquela época. Alguns estudiosos da época, como o jornalista americano Bill Buford, acredita que o comportamento violento e agressivo dos *hooligans* teria base na virilidade e no nacionalismo, significando que além dos comportamentos transgressores havia profundamente o sentimento de insatisfação política, ideológica e social dos grupos de torcedores. Outros estudos, como o do Sociólogo Eric Dunning, revelou que a violência dos *Hooligans* seria um fenômeno relacionado ao processo civilizador das sociedades modernas, afirmando que a violência existente nos esportes, em especial no futebol, é uma violência civilizadora, pois significava a resistência da classe trabalhadora às mudanças no futebol, que antes era centralizado sob poder das elites tradicionais ligadas aos clubes e depois passando o prestígio para os grandes empresários do campo esportivo. Sobre o papel civilizador do esporte, Dunning acreditou que:

Esta idéia surgiu no século XIX e depende, para sua operacionalização, da inculcação nos jovens, desde muito cedo, dos

valores do amadorismo, como o *far play*⁵ e a idéia de que competir é mais importante do que vencer. O profissionalismo – mistura do esporte com valores orientados pelo dinheiro –, a atitude de “vencer-a-qualquer-custo” que acompanha o esporte profissional e a pressão derivada do número de equipes e número de espectadores fazem com que seja difícil a sobrevivência de atitudes e valores amadores como o *fair play*. Costuma-se referir os esportes modernos como formas de “guerra sem armas”. Na minha opinião, a despeito de todos os problemas gerado pelos esportes, eles são muitos, muito melhores do que a guerra, especialmente dado o poder de destruição das armas modernas. Os esportes são locais para a geração de excitação prazerosa, amizade e sociabilidade. Eles são uma grande invenção coletiva, que consegue com sucesso resolver a aparente contradição entre rivalidade e amizade. Pode-se dizer que os esportes são formas de “rivalidade amistosa” e como tais, são extremamente valiosos.(GASTALDO, 2008:227)

Monteiro (2003:67), ainda ressalta que, segundo Dunning, “a masculinidade seria o principal fator responsável pela existência do fenômeno *Hooligan*”. Essa atitude de virilidade é manifesta nas classes trabalhadoras onde havia maiores níveis de desigualdade entre sexos. As agressões poderiam ser físicas em confrontos entre torcedores, entre os próprios torcedores ou então contra a polícia, instituição legitimada a usar a violência contra cidadãos.

As Torcidas Organizadas no Brasil

O *hooliganismo* surgiu na Inglaterra com um fenômeno social de forças ideológicas de torcedores ingleses, acompanhado pelo processo de crescimento das cidades e com isso o surgimento de diversos grupos urbanos de jovens e suas inúmeras ideologias. No Brasil, as Torcidas Organizadas nasceram devido ao processo de urbanização das grandes cidades, do desenvolvimento da economia destas e também pelo interesse das camadas populares pelo futebol. Mas em qual ano exatamente surgiram as Torcidas Organizadas?

Pimenta (1997) afirmou que não existe uma cronologia exata a respeito do surgimento de Torcidas Organizadas no futebol brasileiro. Mas, segundo o autor, há indícios de que na década de 40 do século XX houve os primeiros passos desses movimentos. Segundo Luccas (1996) o marco inicial das Torcidas Organizadas foi estimulado por Jairo Rodrigues de Carvalho⁶, em 1942, com a fundação da *Charanga Rubro-Negra* (associada ao Clube de Regatas Flamengo). Segundo o mesmo autor, a *Charanga* foi o primeiro grupo que associou uniformes específicos e instrumentos musicais a torcedores para que pudessem animar o time

⁵ Termo relacionado ao esporte de modo que este seja praticado de maneira ética, sem prejudicar o oponente respeitando as regras e normas do jogo.

⁶ Jaime Rodrigues Alves foi um funcionário público e torcedor do Flamengo.

nas arquibancadas dos estádios. Mesmo assim, Pimenta (1997:66) afirmou que a *Charanga* não ainda se denominava como Torcida Organizada como nos moldes atuais:

Os grupos de torcedores que se juntavam nas arquibancadas, a partir dos anos 40, não podem ser considerados “Organizados” – nos moldes atuais -, visto a ser a sua constituição diferenciada. Em que pese a utilização de bandeiras, faixas, camisetas, dos clubes, banda musical, não tinham e nem pensavam em formar uma estrutura burocrática. Tinham sim, apenas a intenção de torcer e se divertir nos jogos de seus times. Porém, há de ser considerado esse movimento de torcedores como o marco inicial para a existência de uma “Organizada”.

O que poderíamos afirmar sobre o surgimento das Torcidas Organizadas é que são fenômenos mais recentes e estas surgiram entre as décadas de 60 e 70 do século passado. Neste período, como foi explicado anteriormente, o Brasil estava passando por um processo de governo militar e com isso procurou-se algum ato governamental que buscasse o desenvolvimento econômico do país, assim como também campanhas de cunho nacionalista através de campanhas de apoio à seleção brasileira de futebol em sua participação na Copa do Mundo e construção de diversos estádios de futebol nas principais cidades brasileiras. Neste caso, o futebol é um fenômeno que cresceu bastante no Brasil neste período, principalmente após a conquista do Tricampeonato na Copa do Mundo do México. Isso fez com que os brasileiros tivessem mais reconhecimento pela pátria.

Mas quais seriam as diferenças das torcidas da década de 40 para as Organizadas surgidas entre as décadas 60 e 70?

Segundo Pimenta (1997), as mais antigas como, por exemplo, a *Charanga Rubro-Negra*, era um grupo de torcedores predominante do sexo masculino que aceitavam a participação efetiva das mulheres nas partidas de futebol. Isso fez com que também fossem proibidos atos de violência nos estádios e também proibiam o uso de palavrões nas arquibancadas. Em 1968 a “Torcida Jovem do Flamengo” começou a se comportar violentamente em estádios como modo peculiar de torcer, seguidos de bandeiras, faixas e gritos de guerra.

Logo após, em 1969, houve a fundação da famosa torcida “Gaviões da Fiel”, do Sport Club Corinthians Paulista, que também é conhecida como uma das mais antigas Torcidas Organizadas do Brasil, com objetivo de “fiscalizar e apontar todos os erros praticados pelos dirigentes do S.C. Corinthians Paulista [...]” (PIMENTA:1997:67). Em São Paulo também

houve a fundação da “Independente”, fundada em 1972, por pessoas que participavam da TUSP⁷, formada de modo de ter independência em relação ao São Paulo F.C, cujo objetivo consistia em contestar algumas decisões e ações do clube. Diversas Torcidas Organizadas foram formadas e consolidadas neste período, dando novas formas de torcer através da cobrança aos clubes, de uma estrutura burocrática, padronização de símbolos em bandeiras, camisas e instrumentos musicais além da violência física e simbólica.

Segundo Lopes e Cordeiro (2010), as Torcidas Organizadas cresceram significativamente na primeira metade da década de 1990, chamando atenção de aderência de muitos jovens com faixa etária entre 12 e 18 anos, aumentando expressivamente o número de associados nas Torcidas Organizadas na região Sudeste: a Mancha Alviverde do Palmeiras ‘salta’ de 4.000 (quatro mil) filiados para 18.000 (dezoito mil); a Independente, do São Paulo, de 7.000 (sete mil) para 28.000 (vinte e oito mil) filiados; e a Gaviões da Fiel, do Corinthians, de 12.000 (doze mil) para 46.000 (quarenta e seis mil) torcedores. Talvez o processo de redemocratização do Brasil possa ter contribuído para o aumento de adesão de jovens às Torcidas Organizadas. A imprensa contribuiu de certa forma sob função de transmitir confrontos entre Organizadas rivais ao vivo na televisão e estigmatizar o comportamento destes grupos de modo preconceituoso.

Mas o leitor não pode se equivocar pensando que as Torcidas Organizadas vivem apenas de xingamentos e atos violentos no cotidiano. As Organizadas constituem a função de cobrar um melhor desempenho dos jogadores do time, podem exigir melhorias ao clube como contratações de novos jogadores, protestos em períodos de campanhas frustradas etc. Além disso, as Organizadas também são munidas por estatutos do torcedor e de organizações burocráticas como diretoria, tesouraria etc. Segundo Pimenta (1997:67), existe a busca de “auto-afirmação, do poder, das transgressões às regras sociais convencionadas, da violência como um elemento de superioridade etc.” Como também há outros padrões comportamentais que caracterizam as Torcidas Organizadas, como afirmou Luccas (1998:64):

Uma outra marca característica distintiva das *torcidas organizadas* é o uso que fazem dos seus símbolos: suas bandeiras, bandeirões e faixas. Cada um desses artefatos tem uma importância bastante clara. A quantidade de bandeiras e sua disposição dentro de um estádio definem o prestígio de uma *torcida*. Elas se tornam mais visíveis de acordo com o uso deste instrumental. As bandeiras se tornam esta incumbência: tornar a *torcida* e seus símbolos visíveis para outras *torcidas*, para o time e para outros torcedores comuns.

⁷TORCIDA UNIFORMIZADA DO SÃO PAULO

Em virtude destas análises podemos afirmar que as Torcidas Organizadas são significadas por um *estilo de vida*⁸. A relação com futebol é fundamental para o surgimento das Torcidas Organizadas. Porém, o modo de torcer das Organizadas é diferente das demais torcidas associadas aos times de futebol. Afinal, o que significa o termo “torcer”? Será que o próprio fato de torcer é dado como um fenômeno homogêneo nos estádios de futebol? Segundo o Dicionário Aurélio, o termo significa:

Demonstrar (o apreciador de prêmios esportivos) com entusiasmo, gesticulando e gritando, o desejo de que vença o clube ou equipe de sua simpatia. / &151; V.pr. Contorcer-se, dobrar-se, contrair-se (de dor).

“Torcer” tem a ver com conflito e euforia. O conflito no futebol é um fenômeno recorrente e fundamental neste esporte desde o início de sua existência. Nos rituais futebolísticos sempre há dois times nos quais pode haver apenas um vencedor. Assim, como também, dentro da esfera ritual futebolística há duas torcidas movidas pelo sentido de oposição cujo objetivo é derrotar o rival através das vibrações nas arquibancadas dos estádios. Os espectadores de uma partida de futebol torcem pelos seus respectivos times. Mas o modo de torcer nem sempre é homogêneo dentro de um estádio de futebol. À primeira vista, podemos até pensar que estamos lidando com uma massa igual, dividida apenas por clubes dentro do espaço físico. Mas, no contexto desta análise, há diferença entre o *Torcedor Comum* e o *Torcedor Organizado*.

Segundo Pimenta (1997:67) o *torcedor comum* “é aquele que frequenta os estádios de futebol para assistir a um jogo ou torcer por uma determinada agremiação.” O *torcedor comum* vai ao estádio apenas em dias de jogos. Há torcedores que se conhecem nos jogos dos seus times e se veem apenas nos dias das partidas de futebol. Diferente do *torcedor organizado*, “que se associa a um determinado grupo de pessoas e, por sua vez, assimilando os padrões de comportamento cultuados.” (1997:67).

Neste contexto, os Torcedores Organizados coexistem, de fato, de acordo com os Clubes Futebolísticos. No entanto, se formos mais além, essas relações têm como base o sentido do coletivismo. Michel Maffesoli (2010) explicou que as relações contemporâneas são caracterizadas essencialmente no fato do “estar junto” onde prevalece a única preocupação

⁸ TOLEDO (1996) Torcidas Organizadas de Futebol.

com um presente vivido coletivamente. O universo das estabilidades, da individualidade está se dinamizando e transformando as relações sociais contemporâneas envolvidas além das relações formais, institucionais modernas, trazendo à vida social um modo de compartilhar coletivamente os experimentos e as emoções vividas em grupos.

A trajetória das Torcidas Organizadas em Campina Grande

Em 1975 surgiu a primeira Torcida Organizada da Paraíba, em Campina Grande: T.O.R.A.⁹. Representante do Campinense Clube, foi fundada pelo torcedor raposeiro, Jimmy Oliveira¹⁰ e considerada como “a maior e mais vibrante” a T.O.R.A cujo objetivo era acompanhar o Campinense Clube nos jogos dentro e fora da cidade. Após alguns anos, ainda na década de 70, foi fundada a GUGA – Galera Unida do Galo – do Treze Futebol Clube, sob presidência de Luis Augusto, atualmente proprietário de casas de shows no Nordeste. Além da GUGA, o Treze F.C teve a fundação da FIGA¹¹; TEGA¹²; CHARANGALO¹³; e QUENGA¹⁴. Esta última não durou muito tempo por causa de uma confusão em um jogo no sertão paraibano contra o Nacional de Patos. A briga entre torcedores foi causada por conta de um grito de guerra da QUENGA que gerou confusão entre os torcedores do time rival e só foi controlada com a presença da Polícia Militar.

TABELA 1 – TORCIDAS ORGANIZADAS DA PARAÍBA

Nome	Time	Fundação	Cidade
TORCIDA JOVEM DO BOTAFOGO	BOTAFOGO FUTEBOL CLUBE	23/03/1997	JOÃO PESSOA
FÚRIA INDEPENDENTE DO BOTAFOGO	BOTAFOGO FUTEBOL CLUBE	15/08/2008	JOÃO PESSOA
FORÇA INDEPENDENTE ANJINHOS DO BELO	BOTAFOGO FUTEBOL CLUBE	15/02/2009	JOÃO PESSOA
IMPÉRIO ALVINEGRO	BOTAFOGO FUTEBOL CLUBE	18/06/2004	JOÃO PESSOA

⁹ Torcida Organizada da Raposa.

¹⁰ O jovem faleceu ainda na década de 70 devido a um acidente. O “Calçadão da Cardoso Vieira” recebeu o nome “Calçadão Jimmy Oliveira” em homenagem póstuma.

¹¹ Fiéis do Galo.

¹² Terroristas do Galo.

¹³ Charanga do Galo.

¹⁴ Quentes do Galo.

TORCIDA ORGANIZADA FOGOMANIA	BOTAFOGO FUTEBOL CLUBE	29/06/1993	JOÃO PESSOA
TORCIDA FACÇÃO JOVEM	CAMPINENSE CLUBE	16/03/2003	CAMPINA GRANDE
TORCIDA ORGANIZADA DA RAPOSA	CAMPINENSE CLUBE	20/12/1976	CAMPINA GRANDE
TORCIDA ORGANIZADA FÚRIA RUBRO-NEGRA	CAMPINENSE CLUBE	19/05/2009	CAMPINA GRANDE
TORCIDA JOVEM DO GALO	TREZE FUTEBOL CLUBE	13/12/2001	CAMPINA GRANDE
TORCIDA ORGANIZADA GAVIÕES RUBROS	AUTO ESPORTE CLUBE	01/05/1986	JOÃO PESSOA
FORÇA JOVEM ALVI RUBRA	AUTO ESPORTE CLUBE	15/09/2001	JOÃO PESSOA
TORCIDA ORGANIZADA MANCHA AZUL	ATLÉTICO CAJAZEIRENSE	**/**/2002	CAJAZEIRAS
TORCIDA COMANDO ALVI-VERDE	NACIONAL ATLÉTICO CLUBE	30/07/2005	PATOS
TORCIDA JOVEM DO PATO	ESPORTE DE PATOS	31/10/2006	PATOS
TORCIDA FORÇA ALVIVERDE	SOUSA ESPORTE CLUBE	29/11/2006	SOUSA
FORÇA AZUL INDEPENDENTE	CRUZEIRO ESPORTE CLUBE	20/01/2008	ITAPORANGA

Fonte: <http://www.organizadasbrasil.com/torcidas-organizadas-paraiba>

Os anos passaram e as Torcidas Organizadas foram se dissolvendo (com exceção da T.O.R.A que atualmente existe e fica localizada na arquibancada sombra do estádio) e possibilitando espaço para novos grupos e torcidas. As atuais Torcidas Organizadas (ver a TABELA 2 a relação das organizadas na Paraíba) e mais expressivas dentro do cenário futebolístico de Campina Grande são a Facção Jovem e a Torcida Jovem do Galo.

2.3.1 Torcida Jovem do Galo

A TJG – Torcida Jovem do Galo – representante do Treze Futebol Clube, de Campina Grande, é uma torcida organizada fundada em dezembro de 2001 sob direção de Igor Mago, e auxílio de Raniery Adelino, Diego Melo, Ricardo Augusto, Ari Filho, Márcio Werner e Eduardo Jenner.

Do mesmo modo que a Facção Jovem atende às camadas populares, a TJG também conquistou interesse de jovens de zonas populares da cidade a formarem uma torcida cuja

intenção estava voltada para apoiar o time e realizar cobranças à diretoria. Assim como surgiram as Organizadas das demais regiões brasileiras sob intenção de motivar o time, as Torcidas Organizadas também surgiram na Paraíba para marcar a presença da juventude com disposição e lealdade ao grupo. Em 2003 a TJG, em momentos em que o Treze não esteve em boa fase, a Organizadora do Galo formou uma comissão chamada “G-13”, composta por 13 (treze) pessoas lideradas por Igor Mago e Jucelito Leal para tomar frente às questões burocráticas do grupo como arrecadação de renda, festas, confecções de materiais etc. A partir da reunião do “G-13” a TFJ conseguiu comprar instrumentos para a formação da bateria pra animar a torcida durante os jogos e abrir a sede com endereço na Rua Teixeira de Freitas, 69 - Sala 7, São José - Campina Grande – PB (ao lado do Estádio Presidente Vargas), onde mantém endereço até os dias atuais. No ano seguinte, em 2004, a Torcida Jovem do Galo que antes ficava situada na arquibancada sombra do estádio O Amigão, passou a ocupar o espaço da arquibancada sol (ou arquibancada geral) espaço ocupado por torcedores populares do Treze por oferecer ingressos mais baratos.

Há indícios de que a Torcida Jovem do Galo mantém boas relações com a diretoria do clube, inclusive, há relatos de que a própria torcida organizada já arcou algumas despesas com materiais para treino possibilitando que os jogadores mantivessem as atividades rotineiras de trabalho. Atualmente, a Torcida Jovem do Galo é o maior rival da Torcida Facção Jovem. Ambas se relacionam de modo antagônico (através da rivalidade entre os dois times) e às vezes de modo violento.

A Facção Jovem

A ideia de formar uma torcida organizada que representasse sentimentos ao Campinense foi iniciada em 2002 através da reunião de alguns amigos raposeiros que sentiam a necessidade de formar uma torcida organizada que acompanhasse o Campinense em todos os jogos, dentro ou fora da cidade. Algumas reuniões aconteceram no intuito de definir a organização e o nome da torcida.

Em 16 de março de 2003, através de sucessivas reuniões dos raposeiros Igor Valle, Marcelo Azevedo, Ronald Neves, Bruno Jacomele, Vladimir Valle, Manoel Bruno Caetano e Pablo Henrique Maia, formou-se a Facção Rubro-Negra. O lugar de concentração da torcida organizada, dentro do estádio “O Amigão¹⁵”, era localizado na arquibancada sombra, espaço

¹⁵ Estádio Governador Ernani Sátyro. Inaugurado em 1975 ficou conhecido, popularmente, como “O Amigão”. Localiza-se na Av. Chesf, s/nº - Campina Grande (PB) – O Estádio oferecia espaço para 45 mil torcedores. Mas

privilegiado para os torcedores em dias de jogos. No decorrer do tempo, a Facção Rubro-Negra vai conseguindo conquistar muitos associados e simpatizantes em seus dois primeiros anos de existência.

Havia um grande problema para que todos os membros da Facção conseguissem apoiar o Campinense em todos os jogos no estádio em sua cidade natal. Como explicado anteriormente, a arquibancada sombra é um espaço privilegiado porque geralmente os jogos acontecem à tarde e não há cobertura no estádio. Isso valoriza a arquibancada, tendo os ingressos mais caros e, assim, atraindo pessoas que têm mais recursos financeiros. Em contrapartida, a arquibancada sol é um espaço que agrada às camadas populares, porque o preço do ingresso é mais acessível, tornando possível que trabalhadores assalariados, estudantes, desempregados, autônomos, entre outras representações populares, assistam ao espetáculo futebolístico. Para Toledo (2011) um dia de jogo pode representar uma espécie de ritual dentro dos estádios cuja configuração espacial é destinada de maneira clara a partir de assentos diferenciados para as autoridades, para os ricos e para os pobres. A arquibancada sol, pelo menos em Campina Grande, significa um espaço propício para as manifestações dos torcedores populares, diferenciando do espaço da arquibancada sombra, que, geralmente, é ocupado por torcedores de camadas mais “elitistas”, segundo o comentário de Henrique¹⁶, membro da Facção:

Ela (Facção) começou a ser discriminada na época da sombra. Justamente por ter a sua maioria que fazia parte das camadas mais abastadas dentro do Campinense Clube. O Campinense Clube é fundado dentro da aristocracia, só que depois que veio a ter as camadas mais populares dentro do clube. Mas hoje em dia permanece o espírito aristocrático no Campinense, na torcida do Campinense Clube. Tem muita gente da geral que se sente afastado do pessoal da sombra. Então não tem essa sintonia.

O Estádio Ernani Sátiro (O Amigão) foi fundado em 1975, obra incompleta sob o governo do governador Ernani Sátiro. A obra, até os dias atuais, está incompleta. O estádio possui três categorias de espaço para os torcedores. A primeira categoria são as cadeiras, as quais são localizadas em posição privilegiada, próximo às cabines da imprensa. É o espaço mais caro do estádio. Geralmente, as cadeiras são ocupadas por políticos locais e pessoas que

após terem instalado cadeiras nas arquibancadas, o número caiu para 22 mil, também por conta de medidas de segurança. O Estádio é arena para o famoso e maior rivalidade da Paraíba “Clássico dos Maiorais” entre Campinense Clube e Treze Futebol Clube, ambos os times de Campina Grande.

¹⁶ Nome Fictício.

têm condições para pagar o ingresso que custa bem mais caro do que as demais categorias. O segundo espaço é a arquibancada sombra, que fica em baixo das cadeiras, também privilegiada pela sombra do estádio. Essa arquibancada concentra pessoas de várias categorias, mas percebe que a maioria é pertence às classes mais favorecidas economicamente. A terceira categoria é a arquibancada sol. Nela o sol castiga os torcedores, principalmente nas tardes de verão que são mais quentes e demoradas. Pelo fato do espaço ser menos atrativo por questões geográficas, certamente a arquibancada agrada às camadas populares e simpatizantes porque o preço do ingresso é mais acessível. Os frequentadores são pessoas das camadas populares e é o espaço onde há mais festa dentro do estádio. A Facção situa-se no centro da arquibancada sol.

Isso fez com que em 2005 a Facção Rubro-Negra mudasse o espaço de concentração no estádio: da arquibancada sombra à arquibancada sol, como também mudasse o nome para Grêmio Recreativo Sócio Cultural Torcida Facção Jovem (G.R.S.C.T.O), conhecida, então, por Facção Jovem. A mudança de espaço fez com que aumentasse o número de adesão de torcedores. Houve aceitação do público da arquibancada sol (ver Figura 5), principalmente, de jovens que sentiam vontade de vibrar pelo Campinense Clube através da festa que a Facção faz dentro e fora do estádio.

Antes da Facção, existiram outras torcidas organizadas do Campinense, por exemplo, o Movimento Rubro-Negro, Fúria Rubro-Negro e Bad Boys Rubro-Negro. O Movimento Rubro-Negro ficava na arquibancada sombra; a Fúria Rubro-Negro e Bad Boys Rubro-Negro na arquibancada sol. A Facção teve adesão dos membros das duas últimas torcidas organizadas, principalmente da Bad Boys Rubro-Negro, pois era constituída por jovens estudantes de uma escola pública estadual da cidade. Atualmente a torcida Facção Jovem ainda ocupa o espaço da arquibancada sol do estádio O Amigão e, atualmente, é a maior e mais expressiva torcida organizada do Campinense Clube. Contudo, é perceptível que a Facção Jovem, tal como o Campinense Clube, segue movimentos de massificação através da passagem da “elite” para o popular.

FIGURA 5: Arquibancada sol do estádio O Amigão.



Fonte: [www.http://faccuojovem2003.blogspot.com.br/](http://faccuojovem2003.blogspot.com.br/)

Segundo Toledo (1996), as Torcidas Organizadas são a contrapartida dentro da estrutura profissional do futebol. As práticas dos membros de torcidas organizadas revelam que houve mudança de perfil e de condutas no modo de torcer. As práticas são representadas na maneira de padronizar as camisas, faixas, gritos de guerra, ocupação dos espaços nas ruas, entre outros padrões estéticos que fazem relacionar os indivíduos sob um estilo de vida, possibilitando que os membros tenham “sentimento e a experiência partilhados.” (Maffesoli, 2010: 130). Os padrões estéticos permitem que os torcedores organizados se articulem de maneiras diferenciadas de um torcedor comum que se reúne, geralmente, nos dias de partida de futebol. No caso da Torcida Facção, as reuniões entre os membros são frequentes, mesmo em períodos que o Campinense não esteja atuando. Mas onde fazer as reuniões? Desde a fundação, a TFJ teve diversos endereços como sede do grupo. Isso significa que não existe um endereço fixo do grupo. Por quê? A torcida não tem prédio próprio, e isso faz com ela dependa de aluguéis. E não é fácil alugar um prédio na cidade para sediar a Facção devido o estigma adquirido por conta do espírito de rivalidade e confrontos com a TJG¹⁷, - denominada como “TJGay¹⁸” pelos membros da Facção - correspondente ao Treze Futebol Clube, o maior rival do Campinense. Atualmente a Facção está se concentrando no estádio O Renatão, utilizando o espaço da Boate Cartola (ver FIGURA 6), antigo espaço da elite Campinense.

¹⁷ Torcida Jovem do Galo. Fundada em 2001 é o maior rival da Facção Jovem.

¹⁸ Sinônimo de Virilidade.

FIGURA 6



FIGURA 7



Figura 6: Reunião da Facção Jovem. Antigo prédio da Boate Cartola, onde eram realizadas festas da elite de Campina Grande há algumas décadas. Fonte: Acervo pessoal de Pesquisa.

Figura 7: Convocação dos membros da TFJ para reunião e bingo. Fonte: Acervo pessoal de Pesquisa.

O espaço dá subsídios para que os jovens possam estar reunidos com frequência. Nas reuniões, eles podem realizar atividades organizacionais como (Figura 7): organização de festas, elaboração de faixas e bandeiras, ensaio da bateria, bingos e rifas para arrecadar fundos financeiros para manutenção material do grupo, feijoadas, jogos, conversas sobre o cotidiano, entre outras atividades que fazem criar laços de sociabilidade entre os membros da Torcida Facção Jovem. O grupo é formado, predominante, por membros do sexo masculino, mas há o Comando Feminino Facção Jovem, representado por garotas que também participam das atividades cotidianas da torcida organizada. As reuniões da torcida organizada asseguram o sentimento de pertença entre o grupo, como também, mantém acesa a rivalidade com a TJG. A importância de ter a torcida “mais vibrante” e mais organizada mantém a rivalidade dos dois grupos. Segundo o membro Paulo¹⁹ da TJF o rival significa:

Eu acho que ela é mais fraca do que a minha. E que a minha é melhor porque a minha torcida é independente da situação que o clube esteja. A gente sempre ta com eles apoiando eles. A gente sempre prova isso, nas dificuldades, a gente vem de uma fase boa da D, da B pra C, da C pra D, sem jogar e, mesmo assim, a gente ta aqui dentro, ó. (SOUZA, 2013).

¹⁹ Nome fictício.

O sentimento de pertença e rivalidade são elementos fundamentais para a realização das atividades dentro das torcidas organizadas. Nós podemos desenvolver mais a respeito destes elementos no próximo capítulo, buscando compreender como as relações de rivalidade entre grupos distintos são bases para a consolidação do grupo, através de análise dos comportamentos expressados através dos símbolos dentre os quais podemos destacar as bandeiras, mascote, faixas, camisas e gritos de guerra expressados por torcedores organizados. O argumento de Paulo enfatiza que a Facção é correlacionada ao time e o grupo está sempre em articulação, e isso condiz que não se trata apenas torcer pelo time, mas é uma questão de irmandade desenvolvida por relações emotivas.

O futebol como controle social

O esporte é uma prática fundamentada no princípio de civilização. É também um agente controlador dos sentimentos e emoções sociais. O futebol surge através dos aspectos da modernidade como a revolução industrial, imperialismo, crescimento dos centros urbanos, institucionalização educacional entre outros fatores correspondentes aos princípios de civilização. Assim, as práticas futebolísticas começaram a desenvolver, primeiramente, nas classes elitistas, principalmente no Brasil durante a transição dos séculos XIX e XX. O futebol pode ser visto como uma prática realizada para conter a violência das sociedades modernas, correspondendo à intenção de realizar atos de cidadania, inclusão social e lazer. Também caracterizado como atividade lúdica, o futebol auxilia na reeducação de indivíduos, sobretudo jovens e crianças, disseminando a ideia de igualdade em oportunidades, como também, na assimilação de regras e normas de convivência com a diferença. Segundo Roberto Damatta (2011), o futebol despertou o sentimento de democracia nos brasileiros:

Quando uma atividade cujas regras todos conhecem realiza esse milagre, pode-se viver concretamente a experiência da democracia no seu sentido mais profundo. Porque viver democraticamente é ser platéia atenta e preocupada com os seus direitos; é ser uma platéia que conhece as regras do jogo social; é ser uma platéia que tem confiança nos seus jogadores (seus representantes); é ser uma platéia que tem confiança na sua força dentro do campo; é ser uma platéia que sabe que os jogadores passam – alguns são grandes, outros medíocres –, mas o jogo fica, criando novas esperanças e situações; finalmente, é

ser uma platéia que, como o time joga, também está submetida às mesmas regras do jogo e entende perfeitamente bem que ninguém pode modificar essas regras para vencer. (2011:92)

Segundo Garrigou, em seus estudos sobre Nobert Elias, o surgimento e desenvolvimento do esporte tinham o caráter do processo civilizador. O termo *esportização* corresponde ao processo de continuidade e descontinuidade das práticas lúdicas modernas. Isso significa que o esporte moderno é baseado nos jogos tradicionais das sociedades medievais ou gregas. Ou seja, a *esportização*, segundo Elias, pode ser definida como a passagem dos jogos tradicionais aos esportes modernos, designando a “conversão de práticas antigas remodeladas em jogos esportivos quanto a substituição dos primeiros pelos seguintes (1997:69).

O esporte moderno tem semelhanças com os jogos antigos ou tradicionais, principalmente na ideia de confrontos ou duelos, mas diferencia-se principalmente pela diminuição e controle do nível de violência, porque foi transformado em atividade aprovada socialmente, nos parâmetros da modernidade, porque é uma atividade controladora da violência física. As relações de controle de violência física no jogo de futebol são enfatizadas através das regras institucionalizadas dentro da esfera futebolística. No caso, há um juiz com a função de conduzir as regras e normas do jogo, assim como punir o jogador que transgredir as regras. Nesse sentido, a utilização da violência física no futebol não é aceitável dentro dos padrões esportivos. Mesmo com a esfera de controle o esporte tem como caráter a forma ritualística destrutiva do oponente. Um jogo de futebol é considerado um espetáculo preparado para o duelo entre times opositores. Os estádios futebolísticos seguem a estrutura das antigas arenas romanas no período clássico, que sediavam os grandes duelos entre gladiadores. Geralmente, as batalhas terminavam em execução. A violência física era preponderante nessa época. Mas, a partir das transformações modernas, o futebol surge como atividade lúdica e é caracterizado por seu caráter de rivalidade, ou seja, o jogador entra em campo sob objetivo de derrotar o oponente, desde que seja dentro das normas instituídas pelo esporte. A ideia de destruir o “outro” é fundamental no futebol. “Matar”, destruir, vencer o seu oponente é característico nos esportes, principalmente no futebol. A ideia de destruição, nos parâmetros esportivos da modernidade, é equivalente ao processo simbólico dos acontecimentos que antecederam a modernidade. Agressão física era permitida ou até mesmo fundamental em duelos, jogos em tempos anteriores. Isso tem uma relação com o controle que as prisões passaram a exercer, não mais aniquilando, mas punindo com prisão, para refazer a alma, segundo Foucault. Mas quando o esporte surge de acordo com parâmetros da

modernidade, através do intuito de equilibrar os instintos humanos, as atividades esportivas são relacionadas ao lazer dos indivíduos. E, assim, o desejo de massacrar o oponente é transformado. Agora, o que é conveniente é destruir o outro simbolicamente. Como isso acontece no futebol? Dentro do campo, propriamente dito, o jeito de jogar, o drible entre outras maneiras técnicas de jogar futebol fazem com os times mais habilidosos consigam marcar gols e com isso derrotarem o seu adversário. Em relação às torcidas, diante das arquibancadas, dos espaços ocupados nas ruas, no terminal de integração, nos transportes coletivos, nas sedes das torcidas organizadas, todo o aparato simbólico é acionado através de gritos de guerra, músicas, faixas, bandeiras, cores que representam o time. Todas essas representações incitam a destruição do rival, simbolicamente (verificar as Figuras 8 e 9)

FIGURA 8: Raposa (mascote do Campinense) morta.



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/183172161828464/>

Figura: 9

FIGURA 9: Caixaão representando a morte do galo quando o Treze Futebol Clube foi desclassificado do Campeonato Paraibano de 2012. Fonte: <http://globoesporte.globo.com/pb/torcedor-campinense/platb/category/enterro-do-frango/>

Facção e o desvio do controle social

A relação entre Estado e violência é condizente às questões subjacentes ao controle social. Isso significa que o Estado monopoliza legitimamente o controle e obtenção da violência. Ou seja, há grupos ou governantes que podem deter o poder sobre a violência legítima, enquanto é ilegítimo qualquer ato de violência física, além do alcance do Estado, entre cidadãos comuns. Se na Idade Média “o prazer de matar e torturar era grande e socialmente permitido.” (ELIAS, 1994: 192), na modernidade (é bom deixar claro a partir de qual momento a modernidade se constitui) o mesmo prazer é condizente à “selvageria”, porque as organizações governamentais repudiam alguns comportamentos, dentre as quais a violência/ódio são sentimentos regulados em detrimento das forças monopolistas reguladas pelo Estado. No caso das torcidas organizadas, as relações conflituosas são reconhecidas pelas organizações estatais, como também, pela sociedade em geral, por práticas condizentes à desordem social.

O torcedor organizado é classificado, em popular, como vândalo, marginal, fora da lei, drogado, bagunceiro entre outros adjetivos que classificam as pessoas que pertencem às torcidas. O torcedor da Facção Jovem também é classificado de acordo com os adjetivos anteriores, principalmente o termo “violento” é mais destacado em um membro

correspondente à Facção. Os comportamentos não convencionais são percebidos em diversas manifestações. Dentre as quais a vestimenta é um fator que distingue o torcedor organizado de um torcedor comum. A camisa, a calça entre os demais acessórios da Facção, são objetos fundamentais para o reconhecimento entre o grupo e fora dele. O mascote do Campinense, antes uma raposa trajada com terno, gravata e cartola (ver Figura 10), agora, na Facção, é transformada em uma raposa feroz, jovem, de camiseta regata ou sem camisa, mostrando o corpo saudável, padronizado pelas academias de musculação entre os jovens. Também podemos perceber que a mesma raposa está sempre com os punhos fechados em posição de combate ou de luta corporal (ver Figura 11). A raposa em pose de combate significa que o torcedor Facção está sempre em relação de conflito, seja com os principais rivais, por exemplo, com a Torcida Jovem do Galo e suas aliadas, ou até mesmo com a polícia militar.

FIGURA 10: Mascote da raposa elitista.



FIGURA 11: Mascote da Facção.



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/facaojovem/>

Para o Ministério Público da Paraíba, as Torcidas Organizadas são um problema de segurança pública, pois os confrontos entre torcedores organizados comprometem a integridade física e moral dos torcedores e cidadãos comuns. Em instâncias há discussões sobre o comportamento das torcidas organizadas na Paraíba. Algumas instituições, como o Ministério Público da Paraíba, pedem a extinção das torcidas organizadas, assim como podemos ver no site do Globo Esporte:

O Ministério Público da Paraíba se reuniu nesta quarta-feira com representantes das polícias Militar e Civil, dos Bombeiros, da Federação Paraibana de Futebol (FPF) e do Conselho Regional de

Engenharia e Arquitetura (Crea) para tratar da segurança no futebol paraibano. Em pauta, as torcidas organizadas. O procurador da Justiça do MP, Valberto Lira, defende que as organizadas sejam extintas, mas a reunião foi encerrada sem nenhuma definição, apenas com a proposta de apertar o cerco no estádio para oferecer mais segurança aos torcedores. (GloboEsporte.com)

Em dias de jogos as ruas são territórios de cada time. Cada rua ou bairro constituem os territórios para os torcedores, principalmente para os torcedores organizados. Em dias de clássicos, quando os torcedores organizados saem em arrastões, todo o trajeto é articulado com a segurança pública para que não haja possíveis confrontos entre as torcidas rivais. A polícia faz, geralmente, o trajeto com os torcedores do ponto de partida que, geralmente, é da sede da torcida até o estádio de futebol. Alguns pequenos grupos transgridem o trajeto do arrastão, possibilitando, assim, um possível confronto entre torcedores rivais. Em alguns casos os confrontos acontecem. Na maioria das vezes, os duelos são lutas corporais, sem armas de fogo e sem facas. Ou seja, não importa o número de torcedores, se eles estão em vantagem ou desvantagem. O que está posto é que, independente da situação, o torcedor organizado está pronto para o combate. As letras das músicas também representam a rivalidade entre as torcidas organizadas.

Invadimos o PV²⁰, só pra Fortalecer
Expulsando a Jovem Gay, sou Facção até morrer.
Preto e vermelho é a nossa cor,
Quebra os TJBicha, Facção Bota Terror! (Música extraída no site da torcida.)

O ato de chamar o inimigo de “TJGay” ou “TJBicha” significa a exaltação do machismo e virilidade da organizada do campinense. Classificar o oponente com representações afeminadas significa que o inimigo é concebido como “sexo frágil”, portanto, ele é “fraco”. Contrariamente, ser torcedor Facção é sinônimo de estar pronto para o que der e vier, é “botar terror”, ser homem para defender o seu grupo com garras, pois o grupo é constituído por “sangue, nervos e coração”.

As marcas e cicatrizes em seus corpos significam experiência e respeito dentro do grupo. Em cada cicatriz há uma história diferente. O torcedor conta detalhadamente para os seus amigos com muito orgulho de cada acontecimento que aquelas marcas representam. As marcas representam o número de combates contra os inimigos, as tatuagens com símbolos do

²⁰ Estádio Presidente Vargas. Sede do Treze Futebol Clube.

Campinense Clube e da Facção também expressam a experiência e comprometimento ao grupo. O roubo de bandeiras é um elemento catalisador para os torcedores organizados. Cada bandeira ou bandeirão significa a representatividade do grupo, a presença da torcida nos espaços. Possuir a bandeira do inimigo significa status para a torcida, coragem e disposição. As bandeiras do inimigo significam “troféus” que são bem guardados com muita segurança. Segundo os torcedores da Facção, cada material possuído, seja em combate ou em algum descuido do oponente, significa reconhecimento e força do grupo. Cada material tem a área da torcida organizada e roubar do rival significa tomar as forças, desestruturar o inimigo, impor o domínio. O confisco de materiais propicia o sentimento de prazer aos membros da Facção Jovem transformando a “vida audaciosa, ousada, numa vida atravessada pela frescura do instante no que este último tem de provisório, de precário e, portanto, de intenso” (Maffesoli, 2000: 27-28). Assim, a vida de um torcedor organizado faz parte da cultura do prazer em coletivo, ou seja, “somos membros, fazemos parte, associamo-nos, participamos ou, para o dizermos trivialmente <<somos>>” (2000:33). Todas as práticas condizentes à torcida organizada são realizadas coletivamente em nome do grupo. O “pertencer” é importante para os torcedores organizados, pois significa a sua identificação como indivíduo em coletividade e isso faz diferença na vida de jovens. O sentimento de estar junto, de dividir experiências entre amigos, brigar juntos pela torcida significa relevância social para os jovens torcedores organizados.

A violência entre torcidas organizadas deve ser relativizada e repensada em termos sociais e gestão pública. Será que as organizações estatais estão preparadas para lidar com as torcidas organizadas?

Do ponto de vista antropológico, a violência pode ser pensada no contexto geral da crise da modernidade. As instituições clássicas passam por problemas estruturais e, com isso, a descrença popular se dissemina.

(...) a violência é aqui antes de tudo uma resistência da identidade ameaçada, ou a caminho da destruição (Wievorka, 1997: 35).

Segundo o mesmo autor, a violência não traduz resistência à modernidade triunfante. Ela é a expressão de sua agonia, na qual a objetivação se separa da racionalização e a ela se opõe pela construção de uma identidade coletiva. A torcida organizada tem como a violência uma porta de resistência para existir:

Mais um integrante de torcida organizada de futebol foi assassinado em Campina Grande. Na noite de terça-feira (9), um jovem de 19 anos foi morto a tiros no bairro do Centenário. A delegada de homicídios Maíra Roberta informou que a polícia tem como principal suspeita a relação com uma tentativa de homicídio de outro torcedor de um time rival, ocorrida durante o São João. Era pouco mais de 18h30 quando o rapaz foi morto na rua Oswaldo Cruz, vítima de cinco tiros. A Polícia Civil descobriu que ele tinha sido chamado até o local por um conhecido. Quando chegou ao local em uma moto, ele foi atingido pelos disparos. Um suspeito do crime já foi identificado e está sendo procurado. "Ainda estamos investigando e levantando os dados, está muito cedo para definir. Já chegamos a um nome. Ele teria ido lá a pedido de uma pessoa. A relação seria com uma tentativa de homicídio, quando um outro torcedor foi esfaqueado no Parque do Povo", afirmou a delegada Maíra Roberta (Site G1 Paraíba).

Portanto, o conflito serve para engendrar as relações entre os grupos e, assim, mantê-los vivos. Toledo (1996) enfatiza que a sociabilidade engendrada pelo futebol impõe um jogo de diferenças sempre aberto às negociações, conflitos, aos improvisos, ao possível, à violência, ao mesmo tempo de afirmação diante do outro. Desta maneira, o conflito tem a sua relevância sociológica:

(...) um grupo absolutamente centrípeto e harmonioso, uma visão pura não só é empiricamente irreal, como não poderia mostrar um processo de vida real (...) A sociedade para alcançar uma determinada configuração, precisa de quantidades proporcionais de harmonia e desarmonia, de associação e competição, de tendências favoráveis e desfavoráveis (...) A oposição não é só um meio de preservar a relação, mas uma das funções concretas que verdadeiramente constituem (...) (SIMMEL, apud TOLEDO, 1996: 103-104).

Você já imaginou um time de futebol sem adversário? Da mesma maneira é uma torcida organizada sem rivais. Contudo, é razoável pensar que as instituições como o Estado, por exemplo, não estão adequadas para lidar com as torcidas organizadas, com os demais grupos “desviantes”, em geral. O Estado lida com as torcidas organizadas tentando controlá-las à base da repressão.

CAPÍTULO 3: AS TEIAS DE SOCIABILIDADE ENTRE OS TORCEDORES DA FACÇÃO

Parte representativa do senso comum acredita que as Torcidas Organizadas são grupos de jovens marginais que têm como intenções realizar badernas na cidade, depredar patrimônios públicos e privados, e brigar dentro e fora do estádio. Não está equivocado pensar de acordo com certas coberturas e versões dos fatos. Em contrapartida, mais importante e relevante que argumentar sociologicamente e antropológicamente, é fundamentar tais fatos de acordo com os acontecimentos ocorridos e aprofundar-se na vida das Tribos Urbanas (no nosso caso, das Torcidas Organizadas) compreendendo as suas formas de interação de acordo com as suas próprias condutas e valores.

Este capítulo tem como objetivo desenvolver o modo pelo qual as Torcidas Organizadas são consideradas Tribos Urbanas - de acordo com Michel Maffesoli (2010) – e como são movidas por interesses em comum. Estas Tribos constituem padrões de pensamento, consumo e comportamento. Veremos a importância simbólica das camisas, bandeiras e faixas e qual a correlação entre estes artefatos e ressignificação do espaço urbano.

Relações Comunitárias Contemporâneas

Como se articulam os grupos organizados de jovens que torcem por seu time de futebol? Essa é a grande questão em foco para o desenvolvimento deste texto. As Torcidas Organizadas são o significado das novas maneiras de se articular em meio às novas formas de relações sociais transformadas através do processo de urbanização das cidades. Algumas questões foram levantadas a partir dos aspectos da modernidade. Michel Maffesoli (2010) questiona alguns desses aspectos, compartilhando a ideia de que o racional, o individual, o Estado, entre outras representações da lógica moderna, constituem as bases para a formação ideológica burguesa. O que se pensava, antes, que os "indivíduos" existiriam e agiriam, racionalmente através da regência estatal e das instituições modernas, agora podemos pensar que esses "indivíduos" são agentes sociais que se relacionam em processo de reciprocidade e tais são movidos por paixões, gozo social, ideais e sentimento de pertença. Podemos verificar

que a Torcida Organizada Facção Jovem é movida por todos os elementos que envolvem relações de afetividade entre os torcedores organizados.

Segundo Maffesoli (2010) as relações contemporâneas envolvem questões comunitárias ou coletivas, ou seja, o indivíduo só existe, socialmente, de acordo com o “outro” indivíduo. Na linha de pensamento Iluminista, “a lógica individualista se apóia numa identidade separada e fechada sobre si mesma” (Maffesoli, 2010:37). As antigas identidades que por um tempo estabilizaram o mundo social estão em processo de declínio, possibilitando surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, antes visto como um sujeito isolado, unificado. (Hall, 2006). Desse modo, o indivíduo só existirá apenas em relação de reciprocidade e com múltiplas facetas identitárias. Enquanto o individualismo metodológico defendia o fortalecimento das instituições e isolamento dos indivíduos, Simmel (2006) propôs o rompimento com esta forma de pensamento. A Metrópole, segundo Simmel, poderia ser uma expressão da individualidade e da liberdade das pessoas. A atitude *blasé*, significaria um tipo de comportamento impessoal dos indivíduos que vivem nas grandes metrópoles e isso envolveria reações de impessoalidade e subjetividade. Simmel percebeu que, apesar da impessoalidade, os indivíduos passariam a se relacionar de uma maneira distinta das sociedades tradicionais. Distintamente, as relações sociais nas sociedades tradicionais seriam engendradas pelo sistema de parentesco, enquanto nas cidades, as sociedades modernas teriam relações além da estrutura familiar, dando espaço às novas relações sociais caracterizadas pela modernidade. A solidariedade orgânica de Durkheim pode representar as múltiplas funções que os indivíduos passam a desenvolver com o avanço da modernidade e com o crescimento dos centros urbanos. Novos laços sociais são desenvolvidos nessa lógica. Novos papéis sociais se desenvolvem na contemporaneidade. Isso significa que os sujeitos sociais do mundo urbano desenvolvem múltiplas facetas sociais no cotidiano. Em alguns momentos, esse sujeito pode ser um pai ou mãe de família; em outros momentos, esse mesmo sujeito pode se dedicar às práticas sociais urbanas como participar de uma gangue, de um grupo de skatistas, de reuniões religiosas, de grupos doadores de sangue ou qualquer outra atividade beneficente ou até mesmo de uma Torcida Organizada de futebol. O interessante é que os indivíduos contemporâneos desfrutam de liberdades/possibilidades que antes não eram concebíveis. Sobre liberdade, Simmel (2006) escreveu que o termo foi desenvolvido a partir do século XVIII através da necessidade de se livrar das amarras das quais a sociedade enfrentou durante o período medieval, quando surgiu a filosofia burguesa que buscou elaborar uma nova lógica do indivíduo moderno:

Essa exigência fundamental é constatável na abordagem econômica dos fisiocratas, que preconizavam a livre concorrência de interesses como a ordem natural das coisas; é evidente na elaboração sentimental de Rousseau, para quem a violação do ser humano pela sociedade histórica estava na origem de toda decadência e de todo mal; também é perceptível na formulação política da Revolução Francesa, que levou o ápice a liberdade individual, a ponto de proibir os trabalhadores de se associarem até para proteger seus próprios interesses; verifica-se também na sublimação filosófica, na concepção de Kant e Fichte de que o eu era o portador do mundo cognoscível, e de que sua autonomia absoluta era o valor ético por definição (91-92).

Vimos que o fortalecimento do Estado foi importante para que se consolidassem os ideais da filosofia burguesa. Com isso, os indivíduos passariam a se comportar de maneira contratual, racional e individual. Porém Simmel desenvolve sua ideia acerca da liberdade:

O que nos une à humanidade como um todo – e o que podemos contribuir para o seu desenvolvimento comum – seria o seguinte: interesses religiosos, científicos, interfamiliares, internacionais, o aperfeiçoamento estético da personalidade, a produção puramente material que não partisse de nenhum princípio “utilitário” (2006: 90).

Ou seja, o propósito elaborado por Simmel foi compreender as sociedades através das interações entre indivíduos. As interações sociais são caracterizadas por impulsos, a busca de certas finalidades como interesses, objetivos, conquista, conversa, paixões entre outras que são as bases para relações de reciprocidade, relações cotidianas que apenas acontecem porque os indivíduos estão ligados uns aos outros. E isso é o acontecer da sociedade. Os indivíduos modernos têm mais liberdade de buscar as suas identidades através de uma maior fluidez das múltiplas formas de socialização.

Nesse sentido, surgem as preocupações com as relações sociais do mundo contemporâneo. Não basta compreender os relacionamentos dos indivíduos com as instituições formais. Para compreender o “acontecer” da sociedade é importante buscar compreender as relações sociais. Em meio à parafernália moderna, podemos definir que as sociedades são movidas por relações sentimentais e afetivas. Michel Maffesoli (2010) afirma que as sociedades pós-modernas são baseadas nas relações sentimentais cujas relações são fundamentadas no sentido de “estar junto”. O antigo “eu”, proposto pela filosofia burguesa, dá passagem para o “nós” contemporâneo, ou da “pós-modernidade”, como afirma Maffesoli:

Com efeito, estarmos atentos à necessidade, à propensão das coisas, ao destino, tudo isso nos obriga a considerar o indivíduo na sua globalidade, no seu contexto. Ou seja, ele não é como foi o caso da modernidade, unicamente regido pela razão, mas é movido, igualmente, pelos sentimentos, pelos afectos, pelos humores, tudo dimensões não racionais do dado mundano. (2000:30)

Se os indivíduos se relacionam através dos sentimentos, humores, afetos e empatia, para Maffesoli, esses atores sociais vivem em comunidade. Mas o que seria comunidade? Mocellim (2011) explica que a comunidade pode ser sempre o lugar onde os indivíduos encontram os seus semelhantes e, junto com eles compartilham modos de vida e visões de mundo. Há também o significado da segurança recíproca interna entre os integrantes da comunidade. A segurança faz com que os sujeitos se protejam contra os problemas externos, possibilitando que os indivíduos estabeleçam fortes laços sociais. Assim, como afirmou um integrante da Facção Jovem:

Paulo²¹: É irmandade. É tipo uma irmandade pra mim. É tudo irmão, é tudo defendendo o mesmo clube. Eu acho que hoje é uma família que vem crescendo, que passa por dificuldades juntos, mas que sempre tão juntos. Porque você sabe quem realmente é amigo na hora do aperto e que isso a FACÇÃO tem, ela nunca deixa nenhum integrante na mão e nunca vai deixar não.

As torcidas organizadas podem se articular dessa maneira, como uma comunidade emocional, todos compartilhando as suas alegrias, raivas, paixões pelo time, ódio pelo rival entre outros sentimentos que são compartilhados entre os torcedores, desde que sejam pertencentes à mesma comunidade. No caso, os torcedores organizados partilham os símbolos (bandeiras, faixas, camisas), músicas, gritos de guerra, apelidos internos, conversas variadas entre outros fenômenos. Essas representações significam grande importância do grupo para os jovens. As reuniões da TFJ significam que os torcedores se reúnem com frequência para realizarem as atividades do grupo, porém, o mais interessante é que eles têm necessidade de estarem reunidos cotidianamente, seja para confeccionar materiais da torcida, seja para ficar “de bobeira”, mesmo em fases em que o time do Campinense Clube não esteja participando de competições. Isso significa o sentimento de lealdade e irmandade entre os amigos da Facção Jovem.

²¹ Nome Fictício.

Ressignificando as Ruas da Cidade

O futebol é uma prática esportiva difundida socialmente que representa o contexto ritualístico de reconhecimento/pertencimento e também de rivalidade entre torcedores. Geralmente, os times de futebol são representados por cidades, setores, estados, regiões e até nações. Essas representações significam que os times de futebol têm correlação com território e as manifestações em dias de jogos desenvolvem ressignificações do espaço urbano. Mas como os torcedores se relacionam com o espaço urbano? Qual a relação entre espaço/território e torcida organizada?

No contexto das torcidas, os espaços urbanos são ressignificados em dias de jogos, principalmente em dia de clássico. A cidade é transformada, preparada para as partidas de jogos de futebol. As principais ruas são ocupadas por torcedores trajando camiseta e acessórios do seu time. Vendedores ambulantes também participam do evento, exibindo as camisas à venda em varais provisórios nos canteiros que dividem as vias movimentadas do centro comercial e ruas próximas do estádio de futebol. Crianças, jovens, adultos e idosos constituem os espaços da cidade demonstrando o sentimento de pertencimento ao time ou também de rivalidade com o time oposto. O famoso “Calçadão” da Rua Cardoso Vieira, centro comercial de Campina Grande, é um importante espaço de rede de sociabilidades, ocupado por idosos, ambulantes, comerciantes, artistas e transeuntes durante o horário comercial. Em dias que antecedem jogos, principalmente do famoso “Clássico dos Maiorais” – confronto entre Campinense e Treze – o “Calçadão” é transformado em espaço de concentração entre torcedores rivais. Além de ser um lugar propício para as manifestações entre torcedores, ao lado há duas lojas dos times rivais: no térreo a loja do Treze e logo acima, a loja do Campinense, ambas localizadas no mesmo edifício. Isso também permite que a concentração de torcedores seja bastante intensa. Torcedores gritam o nome do time, artistas tocam sanfona, triângulo e zabumba exaltando hinos do clube, caixas amplificadas ecoam as músicas dos times, provocações são entoadas, palpites de placar são exaltados e demais manifestações possibilitam novos significados ao espaço urbano.

As Torcidas Organizadas são responsáveis também pelas mudanças na cidade em dias de jogos, constituindo, assim, o espaço urbano. Através de códigos, símbolos entre outros elementos sociais, as Torcidas Organizadas também alteram o cenário urbano em dia de clássico, assim como afirmou Toledo (2008):

(...) pode até mesmo alterar regras rotineiras de convivência e ocupação dos espaços urbanos. Espaços que são reordenados,

reapropriados e mesmo ressignificados em função de jogos e torcidas envolvidas. Há, dessa maneira, toda uma mobilização no sentido de adequar setores da cidade ao evento. (p.132)

No entanto, as Organizadas estão tecendo relações de sociabilidades e ressignificando os espaços urbanos. Desse modo, a cidade é tomada, no sentido lúdico, pela áurea do jogo. Mas como os espaços são ressignificados pela Facção?

A Rua no dia do “Clássico dos Maiorais”

Campina Grande é uma cidade situada no Agreste paraibano e, segundo dados do IBGE de 2010, a cidade tem aproximadamente 400 mil habitantes. Conhecida, no século anterior, como forte produtora da cultura algodoeira, a cidade atualmente é caracterizada pelo desenvolvimento tecnológico produzido nas universidades públicas; desenvolvimento do turismo no período do carnaval quando sedia diversos encontros religiosos e durante o período de festejo junino. É representada, ainda, pelo futebol, principalmente quando se fala do famoso “Clássico do Maiorais” que, segundo populares, é um dos maiores clássicos do interior do Brasil. A cidade também é caracterizada por diversas manifestações locais – apesar do forró ser significativa na região – tendo concentrações de diversos grupos de jovens ocupando espaços nas ruas da cidade: são punks, góticos, regueiros, metaleiros, evangélicos, torcedores organizados entre outros. Estes grupos constituem o cenário urbano e ressignificam a cidade de acordo com as suas manifestações cotidianas.

No que se compreende em relação às Torcidas Organizadas em Campina Grande, os membros sempre estão traçando trajetos entre as ruas; seja em bairros periféricos ou centrais. Andar em grupo pelas ruas significa mostrar o poder que há entre a torcida, a existência dela. No entanto, as faixas, as camisas, os muros pichados, as tatuagens nos corpos entre demais adereços, significam que ali é a marca da torcida organizada, é a ocupação desta no território, mostrando os laços de sociabilidade entre o grupo e a lealdade com o Campinense Clube.

As ruas, por onde passa a torcida organizada mudam de perfil. Alguns transeuntes se afastam, dando passagem à Torcida; outros ficam apenas observando e comentando com pessoas ao lado. No dia do “Clássico dos Maiorais”, as ruas são tomadas pelas duas torcidas rivais: Torcida Jovem do Galo e Facção Jovem. Geralmente, os jogos acontecem no estádio O Amigão, e as torcidas saem em grupo, traçando um trajeto que tem como ponto de partida na sede, seguindo até o estádio. Todos os detalhes são combinados entre os integrantes, desde a

pessoa que levará o ofício solicitando segurança pública, até quem escoltará os materiais de carro até o estádio. Em cada bairro, em cada quarteirão e rua, a Facção caminha em direção ao estádio, cantando e esperando a qualquer momento um confronto com a torcida rival, já que a polícia nem sempre acompanha as torcidas organizadas durante o trajeto até o estádio, assim como afirma um membro da Facção:

“(...) já houve ofício e não houve a participação da polícia. E muitas vezes a gente, tipo, liga “a gente vai sair tal hora” e eu acho que não custa nada, já que a polícia militar, pelo menos a daqui, ela tenta aparentar uma questão de eficiência.”

Os trajetos traçados pelas torcidas organizadas são, em suma, um processo de saída da sede torcida interligando até o estádio. O trajeto é marcado, por exemplo, pela situação de mostrar ao rival e aos cidadãos e torcedores comuns o poder da torcida e, para isso, os torcedores conhecem o risco de haver confronto, porque nas diversas ruas caminhadas, há zonas fronteiriças, onde não se deve caminhar porque representam o território do rival.

Os trajetos levam de um ponto a outro através dos *pórticos*. Trata-se de espaços, marcos e vazios na paisagem urbana que configuram passagens. Lugares que já não pertencem ao *pedaço* ou *mancha* de cá, mas ainda não se situam nos de lá; escapam aos sistemas de classificação de um e de outra, e, como tal, apresentam ‘maldição dos vazios fronteiriços. Terra de ninguém, lugar do perigo, preferido por figuras *liminares* e para a realização de rituais mágicos – muitas vezes lugares sombrios que é preciso cruzar rapidamente, sem olhar para os lados [...] (MAGNANI, 2008:45)

Lembremos que as ruas viram trajetos para manifestações políticas, procissões, festas, comércios, ciclistas, transeuntes, carros etc. e também se tornam trajetos das torcidas organizadas. Por exemplo, algumas ruas durante os dias comuns da cidade são ocupadas por centenas e milhares de transeuntes que realizam as suas atividades cotidianas. Mas, quando as torcidas organizadas passam em arrastões, o espaço, antes, comum do cotidiano das pessoas, torna-se o espaço da Facção. Neste momento, quem comanda a rua é a Torcida Organizada. As cores do time e bandeiras também codificam a presença da torcida. No caso de um suposto encontro entre as duas torcidas rivais, o confronto corporal acontece. As agressões verbais que acontecem dentro dos estádios às vezes são concretizadas nas ruas. Durante as entrevistas na sede da Facção, eu percebi que os confrontos entre as duas torcidas eram contados de maneira descontraída. As marcas ou cicatrizes de brigas no corpo de alguns membros simbolizam a experiência em confronto, na defesa de poder da torcida, além do confisco de materiais do opositor, como por exemplo, camisas da TJG e faixas. Esses materiais são tidos como troféus

para as torcidas organizadas. São guardados com extremo cuidado e às vezes são exibidos em fotos e compartilhados nas redes sociais como triunfo de uma batalha conquistada.

Tais confrontos são assuntos em toda a cidade e Estado. Em 2013 o MPPB - Ministério Público da Paraíba - ameaçou acabar com as torcidas organizadas de Campina Grande porque estava havendo muitos confrontos nas ruas da cidade. A ameaça foi provocada a partir de um conflito entre torcedores da Facção e da TJG, no bairro Catolé, próximo ao Estádio O Amigão, momentos antes do “Clássico dos Maiorais” no dia 12/05/2013 pelo campeonato estadual:

Dois torcedores se envolveram em uma briga na rua Vigário Calixto, que fica nas imediações do Amigão, antes do Clássico dos Maiorais. Segundo um torcedor trezeano, que estava na confusão e não quis se identificar, um grupo da Torcida Jovem do Treze estava se dirigindo para o estádio, quando encontraram alguns torcedores da Facção Jovem do Campinense. Ele contou que os dois grupos se atacaram com pedras. (G1PARAÍBA:13/05/2013).

Espaços de disputas são traçados pelas torcidas organizadas. Percebemos que a competição não se resume ao momento da partida de futebol. As relações entre torcidas organizadas rivais são movidas por disputa de territórios traçados; de símbolos, por exemplo, quem faz as melhores faixas, camisas etc.; de vibrações nas arquibancadas, de companheirismo dentro do grupo, de organização; o cotidiano de um torcedor organizado é movido por relações de pertencimento interno do grupo, diversão, de trabalho para manter a torcida e, simultaneamente, por relações de disputas com os rivais.

O Estádio O Amigão

O Estádio Governador Ernani Sátyro, conhecido como O Amigão, foi inaugurado em 08 de março 1975 na gestão do prefeito Evaldo Cruz. Inicialmente, o projeto de construção do estádio visava atender o interior paraibano. Porém, em uma reunião do prefeito da cidade na época com o governador da Paraíba, Ernani Sátyro, foi apresentado o projeto de construção do estádio e, assim, realizado o pedido de apoio financeiro do governo do estado. O governador, portanto, aceitou a proposta, mas com uma condição: que o mesmo projeto fosse realizado na capital paraibana, João Pessoa. Construído para atender cerca de 40.000 (quarenta mil) torcedores, o estádio atualmente suporta cerca de 22.000 (vinte e dois mil), - quase a metade da capacidade inicial – por conta da instalação de cadeiras nas arquibancadas

e também por conta da segurança regularizada pelo corpo de bombeiros. Atualmente, ambos os estádios estão em fase de reforma arcada sob recurso do governo do estado.

O estádio serviu de arena de grandes duelos futebolísticos históricos na cidade. Times grandes como Vasco, Flamengo e Corinthians já jogaram anteriormente na cidade. Como também a seleção brasileira de futebol visitou a cidade em 1992 perdendo para o Uruguai por 2 x 1. O estádio também é arena para o famoso Clássico dos Maiorais, representado pelo confronto entre os dois principais times de Campina Grande, Campinense e Treze ou vice-versa. Segundo o site Retalhos Históricos de Campina Grande, o Clássico dos Maiorais iniciou em 1955; sendo sediado no Amigão e em 18 de março de 1975.

“Clássico dos Maiorais”: onde é permitido ou proibido circular fora do estádio

Em dia de clássico, o estádio, antes um espaço silencioso e calmo, torna-se o centro das atenções dos torcedores e populares em geral. O trânsito das avenidas mais próximas ao estádio fica mais intenso. Os coletivos que fazem trajeto para o estádio são lotados por torcedores eufóricos desejando a vitória do seu time. Carros são lotados de torcedores trajados com as camisas e bandeira do clube. Muita algazarra e provocações acontecem entre rivais. Torcedores consomem álcool em frente ao Amigão, alguns apenas lancham, outros enfrentam fila para comprar ingressos de última hora e outros ficam transitando pelo território, reencontrando torcedores que se veem apenas em dias de jogos. A polícia concentra o efetivo nos lugares estratégicos: Guarnições da Cavalaria da PM também fazem ronda nas redondezas do estádio. Alguns metros antes do estádio também há segurança da Polícia Militar que realiza revistas nos torcedores, principalmente organizados (ver na figura 1 a Polícia realizando revista a integrantes da Facção nas ruas próximas ao estádio O Amigão).

FIGURA 12 - Revista nas ruas de Campina Grande próximas ao estádio o Amigão.



Ou seja, toda movimentação do espaço é modificada antes, durante e depois da partida de futebol. As torcidas organizadas vão chegando ao estádio. A Facção chega entoando música e grito de chegada:

Iêêê! Iêêê! A Raposa chegou! Bonde sinistro; bonde do terror. Torcer, cantar com muita emoção. Sou Campinense Clube, 100% Facção!” –
 “Ei! Galinha! Vai tomar no cu!

As músicas e gritos de guerra são entoados por instrumentos percussivos que intensificam a vibração da torcida e daqueles que estão próximos. Os torcedores comuns se afastam e observam a festa da Torcida Organizada com olhares de descrédito. Alguns têm simpatia e compartilham a festança; outros temem. Na parte externa do estádio, há divisão de portões de acesso para as torcidas dos dois times. São dois acessos: de um lado o portão para arquibancada sombra; no outro lado o acesso para arquibancada sol; e há outro acesso para as cadeiras e cabines de imprensa. Cada portão destes é ocupado por torcedores de seus respectivos times.

No entanto, a partir dos acessos limitados para cada torcida, é inviável que o torcedor de um time ultrapasse a linha de fronteira de sua torcida, invadindo o espaço do oponente. Os acessos são divididos visualmente pelas cores dos times, camisas, faixas, bandeiras, caixas amplificadas entoando o som da torcida ou do time, demarcando o território de cada torcida.

A divisão necessária entre os dois lados do campo de futebol, abrigando dois times diferentes, é observada tanto na ocupação dos espaços do estádio – divididos em arquibancadas, gerais e numeradas – quanto na cidade, no uso de equipamentos urbanos, no

translado dos torcedores e no percurso até o estádio. Os trajetos e percursos são traçados e conhecidos previamente. E aqui um drama corriqueiro: aqueles que burlam, intencionalmente ou por desconhecimento, tais regras de conduta e convivência entre as torcidas nos dias de *clássicos* são abordados, humilhados e em alguns casos até agredidos. (TOLEDO, 2008:147).

Atravessar a zona de fronteira, que é a metade do estádio, significa que o duelo provavelmente poderá ocorrer. Dentro dos conflitos podem acontecer insultos, confisco de material do opositor – fato bastante interessante –, troca de socos e pontapés. E, de fato, uma situação de conflito foi presenciada durante a pesquisa de campo do trabalho.

Presenciei um conflito por invasão de território em um dia do Clássico dos Maiorais no mês de março de 2013, quando eu estava na bilheteria da arquibancada sol do lado do Campinense e, de repente, eu fui surpreendido por uma grande chuva de pedras vindo do outro lado do estádio em minha direção. Ao observar a situação, percebo que a TJG (Torcida Jovem do Galo) invade o território dos raposeiros, especificamente da Facção. Muitas pedras e pedaços de madeira voam de um lado para o outro, até que jogam uma bomba bem próximo ao local em que me encontrava ao lado da bilheteria. Por sorte, eu não tive lesões.

A cavalaria da polícia agiu rapidamente para conter as agressões. Um membro da Facção foi detido e apanhou bastante dos policiais. Alguns torcedores comuns estavam ao redor tentando convencer a polícia soltar o rapaz, mas a tentativa não deu certo. O território começa a ser disputado na rua, antes da partida de futebol. A disputa chega ao estádio, na parte externa, a partir das divisões territoriais entre as torcidas “na medida em que a territorialidade-estádio se explicita para as suas áreas externas, fica registrado, como um marco espacial, as fronteiras que dividem a cidade [...]” (DIÓGENES, 2003:167).

Dentro do Estádio: Arquibancada Sombra x Arquibancada Sol

As divisões entre torcidas se mantêm dentro do estádio. Para compreendermos melhor, é interessante sabermos a importância da divisão das arquibancadas. A arquibancada sombra é um dos espaços mais valorizados dentro do estádio. Geralmente os ingressos são mais caros nestas arquibancadas porque os jogos são ocorridos, como de costume, nos domingos à tarde – no campeonato estadual. As tardes de verão na Paraíba são bastante quentes e o sol é protagonista neste horário. No caso do estádio O Amigão, em dia de clássico, as torcidas são polarizadas nos dois tipos de arquibancadas: sol e sombra. Certamente, pelo fato da categoria “sombra” ser espaço mais valorizado por não ter o sol forte das tardes de verão da cidade, os

torcedores do time que possui o mando de casa ocupam esta arquibancada – a não ser quando o jogo tem apenas uma torcida, então, os diretores polarizam uma torcida em duas categorias: sombra e sol. Neste caso, os torcedores ocupantes da arquibancada sombra pagam ingresso mais caro. Isso pode influenciar nos padrões comportamentais dos torcedores ocupantes deste espaço. Geralmente os torcedores da arquibancada sombra são menos agressivos nos termos de torcer: tentam falar menos palavras de baixo calão e tentam ser menos agressivos em relação aos torcedores rivais. O torcedor da arquibancada sombra atinge o perfil da classe trabalhadora que recebe por volta de 2 (dois) salários acima. Qual o perfil padrão dos torcedores da Arquibancada sombra? Geralmente são funcionários públicos, microempresários, aposentados, estudantes, alguns políticos locais e uma torcida organizada: a T.O.R.A (Torcida Organizada da Raposa). Como as demais Torcidas Organizadas, a T.O.R.A é uma torcida que reproduz padrões de comportamento através de símbolos expressados em camisetas, bandeiras, faixas, casacos, baterias etc. Porém, os tais padrões desta torcida são diferenciados aos padrões comportamentais dos torcedores da Facção Jovem, principalmente em termos de violência. Há indícios de que os torcedores da T.O.R.A são menos violentos, segundo análise de observação participante e através de consultas a jornais locais e perguntas a torcedores. Talvez os comportamentos da arquibancada sombra reproduzam condutas padronizadas relacionadas ao modo pelo qual os torcedores se relacionem e tais condutas, em hipótese, possam padronizar o comportamento da T.O.R.A de acordo com as normas da arquibancada sombra.

Na Arquibancada Sol, podemos observar maneiras distintas de manifestações no estádio. O perfil dos torcedores frequentadores desta arquibancada é classificado, em grande parte, por estudantes, idosos, trabalhadores populares, desempregados, ébrios, torcedores mais antigos e a Facção Jovem. Adolescentes comercializam água, pipoca, picolé, amendoim, pastel, suco, refrigerante etc. Atualmente, o comércio e consumo de bebida alcoólica são proibidas no interior do estádio, devido à ordem do Ministério Público. Porém, muitas pessoas conseguem burlar as ordens estatais e apreciam cerveja, aguardente e outras bebidas alcoólicas comercializadas por alguns ambulantes às escondidas. O estado acredita que o consumo de álcool estimula comportamentos violentos entre os torcedores.

Quando a arquibancada está superlotada, todos os torcedores de perfis distintos ficam muito próximos e os tipos de comportamentos convencionais do cotidiano são recodificados nessa situação. O ato de expressar palavra de baixo calão no estádio, por exemplo, é comum entre torcedores e socialmente aceito, pelo menos nesta arquibancada. Em momentos de tensões, essas pessoas se tocam, algumas choram, outras batem os pés no chão. E quando o

time consegue fazer o gol, a tensão é descarregada entre os torcedores, onde pessoas desconhecidas comemoram aquele mesmo momento, se abraçando, se tocando, sorrindo para os demais.

A facção na Arquibancada do Estádio

A Facção Jovem, recorrentemente, fica no centro da arquibancada sol. Ela fica situada no lado inferior esquerdo da arquibancada, próximo ao alambrado (Ver FIGURA 13). A primeira atividade a realizarem no estádio é desenrolar as faixas – confeccionadas por eles mesmos - e pendurá-las nas grades que dividem o campo e arquibancada. O território é demarcado há tempos, desde quando a Facção Jovem passou a frequentar a arquibancada sol, em meados de 2005. A ocupação deste espaço é interessante porque, geralmente, quando o estádio está lotado, em caso de atraso da entrada da Torcida Organizada, o espaço fica livre para os mesmos. Isto significa que os torcedores comuns reconhecem a existência da Facção e que aquele espaço da arquibancada é exclusivamente da Torcida Organizada. Paulo é um dos torcedores Organizados que afirmou o modo pelo qual o espaço da arquibancada sol é ocupado pela Torcida:

Pesquisador: Quem determina o espaço que vocês ficam na arquibancada? Como é que vocês escolhem pra ficar naquele lugar? Alguém determina que vocês fiquem lá ou vocês chegam, acham massa e ficam lá “esse lugar é nosso”, como é? Isso é formalizado?

Paulo: Não. Não é formalizado. Mas, assim, é uma coisa informal. Como a gente está há anos, e toda a torcida do Campinense já sabe o espaço onde a gente fica. A gente é acostumado a chegar no estádio e ir logo pra lá.

FIGURA 13: Arquibancada Sol do Estádio O Amigão



Faixas, bandeiras, instrumentos musicais, camisas e demais adereços significam a presença da Torcida Organizada. Além do modo de torcer, de vibrar em conjunto no espaço da arquibancada sob o som entoado da bateria e regência de um animador da Organizada. A bateria é uma força catalisadora de vibrações dos torcedores que conduz as músicas, insultos ao adversário/jogador/juiz e transforma o ambiente do estádio como uma das marcas da festa Facção. Em frente à Torcida Organizada há um animador do grupo. Ele fica de costas para o campo de futebol e se apóia em um pequeno banco, situado de frente para a torcida e tem como função puxar os gritos de apoio ao time e insultos aos adversários. Os gritos são ecoados do outro lado da torcida adversária. Quando isso acontece, a Facção enfurece, no intuito de demonstrar que a torcida é mais vibrante, independente do resultado do jogo, como me falou um dos representantes da Facção:

Daniel²²: Eu já fui pra jogos, Rommel, que eu vi o Campinense Clube perdendo um clássico por 4 x 0 e a minha função dentro da torcida é puxador, eu cheguei a falar ao ver aquele pessoal triste ‘Pessoal, a gente agora não vai poder fazer mais nada. Mas vamos calar a torcida rival. A única coisa que a gente vai fazer é ouvir a torcida do Campinense, a gente calar cantando com amor ao clube e calar a torcida rival que ta ganhando’. E ele olhar pra gente e dizer ‘Porra!’ Tá entendendo? Porque eu acho que alegria do torcedor é você, tipo, você primeiro o seu clube vencedor e você ver a derrota da torcida rival. Tá entendendo? Pra mim eu acho que é uma alegria do torcedor, de ver a torcida rival calada. Tá entendendo? E a gente vê que é uma coisa que eu acho que é diferente no Campinense Clube porque ela incentiva independente do momento que o clube tiver atravessando.

²² Nome fictício do torcedor da Facção.

A competição não acontece apenas em campo entre os jogadores de futebol, de acordo com o resultado da partida de futebol, mas o fenômeno que faz a torcida vibrar é desenvolvido fundamentalmente sob as relações de sociabilidade tecidas no estádio de futebol, onde a base para vibrar pelo time favorito é movida pelo fato de estar devidamente socializado, dentro de uma rede de sociabilidades, assim como afirmou o sociólogo Simmel:

Quando os homens se encontram em reuniões econômicas ou irmandades de sangue, em comunidades de culto ou bandos de assaltantes, isso é sempre o resultado das necessidades e de interesses específicos. Só que, para além desses conteúdos específicos, todas essas formas de sociação são acompanhadas por um sentimento e por uma satisfação de estar juntamente socializado, pelo valor da formação da sociedade enquanto tal. Esse impulso leva a essa forma de existência e que por vezes invoca os conteúdos reais que carregam consigo a sociação em particular. Assim como aquilo que se pode chamar de impulso artístico retira as formas da totalidade de coisas que lhe aparecem, configurando-as em uma imagem específica e correspondente a esse impulso, o ‘impulso de sociabilidade’, em sua pura efetividade, se desvincilha das realidades da vida social e do mero processo de sociação como valor e como felicidade, e constitui assim o que chamamos de ‘sociabilidade’ [*Geselligkeit*] em sentido rigoroso. (2006:64).

No caso dos torcedores de futebol, em geral, o sentimento - felicidade, euforia, decepção ou raiva – é totalmente ligado à coletividade do grupo, onde “aqui, ninguém pode em princípio encontrar sua satisfação à custa de sentimentos alheios totalmente opostos aos seus” (SIMMEL, 2006:69). E o fenômeno de compartilhar sentimentos é de suma importância entre os Torcedores Organizados, assim como afirmou Henrique:

Eu vejo que a Facção Jovem, pelo menos na geral, como um veículo canalizador de incentivo e amor ao Campinense Clube. É uma forma da gente canalizar e espalhar. Tá entendendo? O amor e aquele vigor. Aquela força da torcida, do Campinense Clube, tá muito inserida dentro da Facção Jovem. E a torcida do Campinense Clube é uma torcida diferente.

Na arquibancada do estádio, quem manda na torcida do Campinense é a Facção Jovem, e mais nenhuma Organizada. É um fenômeno interessante o modo de vibrar de um torcedor organizado. Apesar das críticas de torcedores do time dentre os quais não são de torcidas organizadas, a Facção Jovem se apresenta com a responsabilidade de animar toda a

torcida do Campinense Clube na arquibancada do estádio. Percebe-se que alguns torcedores comuns às vezes entram na festa da torcida organizada e vibram juntamente com eles no estádio. Os demais ficam de lado, mas também entram no clima de vibração pelo clube, como também de ofensa ao adversário. Portanto, o sentimento interno dentro dos estádios é compartilhado entre torcedores comuns e torcedores organizados de um mesmo time. Porém, a diferença entre os dois tipos de torcedores é que, enquanto torcedores comuns se encontram, geralmente, apenas em dias de jogos, os torcedores da Facção Jovem se reúnem com frequência, independente se o time esteja jogando ou não. Mas qual será a base de alicerce que desenvolve a vontade de se reunir constantemente entre os integrantes da Facção Jovem?

A Facção Jovem na Sede

Os integrantes da Facção não se reúnem apenas em dias que antecedem os jogos. Pelo contrário, os membros estão sempre se encontrando durante a semana e, principalmente, nos finais de semana, mesmo em temporadas em que o time não está jogando. O segundo semestre de 2013 foi um período sem jogos do Campinense porque o clube estava sem calendário para participar de competições. No entanto, os torcedores da Facção não deixaram de se reunir com frequência, existindo, assim, a necessidade de estar junto mesmo em períodos em que o time não estiver em fase de atuação.

O lugar específico para as reuniões da Facção é a antiga Boate Cartola (citada no capítulo anterior), que sedia as atividades cotidianas. Mas, em dias de jogos, sobretudo no Clássico confronto entre Campinense e Treze, a Facção intensifica as suas atividades, seja na própria sede, seja nas ruas da cidade. A intensidade dos encontros na sede possibilita que os membros confeccionem bandeiras, faixas e ensaios da bateria (fenômenos fundamentais para exaltação de emoção dos torcedores) e também arrecadação monetária - através de pequenas festas internas onde eles vendem cartelas para sorteios de brindes confeccionados pela própria torcida ou por torcidas organizadas aliadas - com objetivo de comprar material para a realização da festa no dia do jogo. A sede da Facção é “protegida” pelo escudo do Campinense Clube, o que torna o espaço seguro para os torcedores, onde nenhum rival se atreve passar pelas imediações. É como se fosse a casa deles. Lugar de conforto, intimidade, de família e também de solidariedade e obrigações funcionais do grupo.

Diversos prédios já sediaram a Facção Jovem. O motivo das constantes mudanças, segundo membros, seria o descrédito dos proprietários dos imóveis alugados - já que a

torcida não tem prédio próprio – os quais acreditavam que o prédio seria alvo de “vândalos” ou de inimigos de torcidas rivais. Após alguns anos de mudanças, a Facção Jovem consegue um espaço para instalar sua sede nas dependências do estádio O Renatão²³. Mesmo com constantes mudanças de endereço, através de diálogos com a direção do Campinense Clube, a Facção Jovem conseguiu o espaço da antiga Boate Cartola, espaço de sociabilidades que atendia a elite campinense. O prédio da Boate estava abandonado pela diretoria, como afirmou a historiadora Marques (2011):

No lugar onde funcionou a boate cartola, recentemente apenas as ruínas sobreviveram e na área ocupada pela sede social foi erguido um estádio que serve para os treinamentos do clube. Quando de sua fundação das rendas obtidas com o aluguel de boate e do ginásio para eventos como formaturas, shows, ou a promoção dos bailes e eventos tópicos do clube, funcionavam fontes de rendimento. (p. 104)

O parque aquático do Campinense Clube foi demolido para a construção do estádio. Deixando apenas a estrutura do ginásio de esportes César Ribeiro, espaço para prática de esportes, de carnavais clássicos da cidade e shows de artistas nacionais renomados (Ver a FIGURA 14 o campo de treinamento do Campinense Clube e o Antigo Ginásio César Ribeiro). Ao lado, a “Boate Cartola”, construída em meados da década de 60 do século anterior, foi espaço para noitadas de festas organizadas por sócios do clube. Nem todos podiam participar da festa, porque ela era restrita a sócios e convidados.

²³ Com capacidade de cerca de 3.000 (três mil) torcedores, situado no Bairro Bela Vista em Campina Grande, o estádio não sedia jogos da primeira divisão do campeonato estadual. Desde 2006, ano de inauguração, o espaço serve como sede do Campinense Clube, como também é o centro de treinamento do time.

FIGURA 14: O antigo Ginásio César Ribeiro ainda resiste ao tempo e abandono; campo de treinamento e arquibancadas do Campinense Clube



Atualmente, o prédio da “Boate Cartola” ainda existe e é localizado por trás da arquibancada do Estádio O Renatão (ver FIGURA 15). O prédio encontra-se deprecado, mas ainda com características da estrutura construída, dá pra perceber que as bases das mesas que foram construídas de concreto ainda permanecem no salão. A estrutura do bar ainda é perceptível a olhos das gerações mais jovens que não tinham nascido nos tempos de brilhos e glórias da boate. A antiga boate que servia de espaço de entretenimento das classes favorecidas da cidade, agora, no momento, abandonada e sem atrativos para os antigos e novos sócios, está sob ocupação e comando da Facção Jovem.

FIGURA 15 – Prédio da antiga Boate Cartola – Sede atual da Facção Jovem



Fonte: <http://focandooesporte.com.br/>

A sede da Facção significa o lar da Torcida Organizada. O espaço ocupado significa o cenário de antigos e novos laços de sociabilidade praticados por jovens torcedores organizados. Os jovens são diversos. São de diversas idades, mas a faixa etária dos torcedores é entre 15 a 25 anos. A maioria reside em zonas periféricas de Campina Grande. Em geral, são estudantes como também há profissionais autônomos, e outros empregados em fábricas e empresas sediadas na cidade.

Paulo²⁴: Aqui a gente temos enfermeiro, temos advogados, temos empresários, temos de quatro a cinco empresários dentro da torcida. Tem pessoas aí que tão cursando universidade, que trabalha, que também que é humilde também. Entendeu? E, mesmo assim, a gente se reúne. A gente tá vivo. A gente tá aqui. A gente tá na correria, mas dá o tempo de se ver. De tá todo mundo junto. Então, eu acho que se fosse um negócio ruim, você não deixaria seu trabalho, o conforto da sua casa pra tá aqui, ó! Levando frio. Entendeu? Chovendo, no frio. Quando tá quente, no frio. De todo jeito a gente tá aqui.

Uma boa parcela dos torcedores mora em bairros periféricos da cidade e isso também pode ser mais um fator de descrédito social junto à população em geral. Apesar de o ambiente futebolístico ser masculino e, ainda mais, se falando em torcida organizada, foi constatado que há presença feminina (cerca de 40 mulheres segundo informações de uma representante do comando feminino) no grupo e as mulheres/garotas também frequentam as reuniões (em

²⁴ Nome Fictício de um torcedor da Facção Jovem.

média entre 10 a 15 torcedoras constatadas durante a pesquisa) da Facção Jovem, sendo que em número reduzido se compararmos aos homens/garotos.

O que se faz na sede?

Os sábados à tarde são dias mais ocupados na sede porque é um dia que a maioria dos torcedores está de folga de suas atividades paralelas. As arquibancadas do Renatão são ocupadas por eles enquanto os demais vão chegando. Enquanto isso, eles se cumprimentam e conversam sobre futebol e, principalmente, das suas experiências em grupo. As histórias são diversas, inclusive, sobre confrontos antigos. Os conflitos entre torcidas organizadas são fundamentais para o firmamento dos torcedores no grupo; a questão da experiência em confrontos permite que os jovens fortaleçam os laços sociais entre os mesmos e com a Facção. Apesar do futebol ser um elemento fundamental nas torcidas organizadas, é percebido que os laços de amizade entre os torcedores mantém o grupo, fortalecendo as interações, assim como recebendo novos membros, mesmo em períodos em que o time não esteja participando de campeonatos:

Franklin: Incrivelmente. Historicamente quando o Campinense não tá jogando é o momento onde a torcida mais se unifica e que mais cresce. Por incrível que pareça. Eu não sei o motivo, mas é um fenômeno que sempre ocorreu. Tá entendendo? Toda vez quando a gente não tem calendário, tipo, a gente se fortalece e volta sempre no outro ano mais forte. É interessante isso. Né?!

Para Maffesoli (2010) a memória coletiva significa a não-individualização dos sujeitos contemporâneos, os quais têm pensamentos pessoais inclinados pelo pensamento da coletividade. Deste modo, a memória coletiva serve como impulso para as ações e experiências individuais.

Ela é (memória coletiva), verdadeiramente, uma esfera de comunicação, causa e efeito da comunidade. Assim, o que parece ser particularizado, o pensamento, é apenas um dos elementos de um sistema simbólico que está na base de toda agregação social. Em seu aspecto puramente instrumental ou racional, o pensamento individualiza, da mesma forma que, no nível teórico, recorta e discrimina. Por outro lado, integrando-se em uma complexidade orgânica, isto é, abrindo espaço para o afeto e para a paixão, é também para o não lógico, esse mesmo pensamento favorece a comunicação do estar-junto.(2010:123-124.)

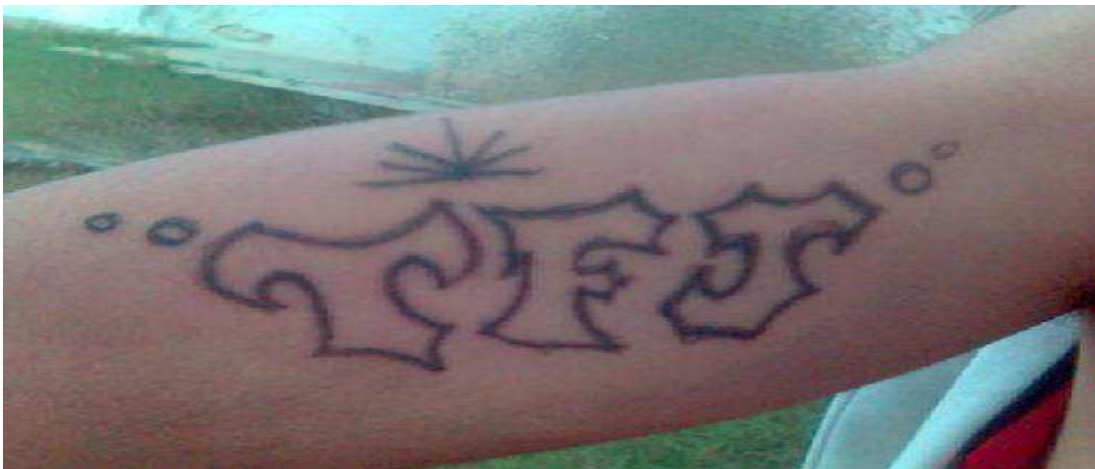
O fato de estar se encontrando efetivamente na sede da Facção, mesmo em momentos em que o time não esteja jogando, realiza o fortalecimento e articulação de uma extensa rede de interação entre os torcedores organizados da Facção. As reuniões das Torcidas Organizadas são caracterizadas por jogos de formalidade e informalidade durante os encontros. No caso da Facção, as reuniões são regadas a cervejas, aguardente e demais bebidas alcoólicas. Além das pautas das reuniões, os assuntos são os mais variados e vão desde assuntos de brigas entre Torcidas rivais, conversas sobre o cotidiano de cada integrante, gozações entre eles e até mesmo brincadeiras como, por exemplo, o ato de simular brigas para ver quem é o mais viril.

A importância entre os torcedores organizados de compartilhar momentos de entretenimento nos remete lembrar o sentido de *estar junto à toa*, de acordo com Maffesoli (2010). Ao discutir sobre o individualismo metodológico e moderno relacionados, principalmente por acontecimentos históricos e sociais como o Renascimento e Revoluções Burguesas cujas atenções estavam remetidas às experiências da individualidade, Maffesoli nos lembra que o indivíduo do mundo contemporâneo não pode existir de modo isolado, mas que ele está envolvido por uma rede de comunicação, de cultura, de lazer etc. Desta maneira, os indivíduos contemporâneos não existem isoladamente. Contudo, a base das relações contemporâneas é desenvolvida na concepção de “nós” em vez do “eu”. O sentido do *estar junto à toa* é fundamental no que se refere ao acontecer das sociedades contemporâneas, pois permite que os grupos se fortaleçam de acordo com o vivido em coletivo.

De acordo com as experiências de cada membro, a Facção se fortalece constantemente a cada encontro realizado entre o grupo, a cada evento experimentado coletivamente – sejam atividades recreativas ou burocráticas e/ou brigas entre rivais. As experiências vão se materializando no grupo de acordo com a elaboração de faixas e bandeiras através de marcas corporais e historicamente de acordo com os fatos vividos em grupo. As marcas no corpo de cada Torcedor Organizado traduz as experiências vividas em nome do grupo. As tatuagens e cicatrizes são formas de representar o pertencimento, fortalecimento e história do grupo. Cada marca materializada significa um evento importante, a conquista de um campeonato do time, alguma briga nas ruas da cidade etc. Todas as marcas e experiências são compartilhadas nos encontros, na sede da Torcida Organizada. (A FIGURA 16 mostra a tatuagem das iniciais da Facção – TFJ- no braço de um integrante, sinônimo de fortalecimento e marca do grupo).

A sede significa um espaço para que se realizem as atividades burocráticas da torcida organizada. Primeiramente, os encontros são fatores fundamentais para o acontecimento do grupo. As atividades cotidianas da torcida são realizadas durante os encontros no espaço sediado. Além das conversas, brincadeiras, registros de fotos e bebedeiras, os torcedores organizados realizam reuniões formais com a orientação da diretoria, no intuito de discutir questões como organização de festas comemorativas da torcida, arrastões em dias de jogos, atividades beneficentes e arrecadações de recursos financeiros para a manutenção dos instrumentos percussivos, confecção de materiais gráficos como camisas, bonés, casacos, bermudas, bandeiras etc. – todos, especificamente, com as cores e o símbolo da Facção.

FIGURA 16– Tatuagem no braço de um torcedor Facção – marca das iniciais da torcida organizada.



Fonte: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=121251624>

O significado das faixas

A rivalidade entre torcidas organizadas dá-se através da disputa de qual delas é mais vibrante antes, durante e depois das partidas de futebol dos seus respectivos times. A disputa por territórios também é uma marca de rivalidade entre Torcidas Organizadas, significando quem conquista mais espaço dentro da cidade. Outra característica interessante sobre a disputa entre torcidas está no significado das bandeiras e faixas de cada torcida. Principalmente nas faixas, porque elas significam a presença das torcidas organizadas nos estádios e o poder que

elas têm de representar o time em qualquer lugar onde ele irá jogar. Geralmente, as faixas são expostas nos alambrados dos estádios de futebol, significando a dominação territorial da torcida na arquibancada do estádio; também podem ser expostas de cabeça pra baixos expressando hostilidade com a diretoria do clube ou quando o time não está em boa situação em algum campeonato. As bandeiras, geralmente têm o símbolo da Torcida Organizada, mas em algumas há desenhos de rostos de antigos integrantes da torcida em homenagem póstuma de antigos torcedores (ver FIGURA 18). As bandeiras e faixas significam a padronização comportamental de um torcedor organizado:

Todas estas marcas traduzem comportamentos específicos, uma estética determinada e condutas que diferem do comportamento daqueles torcedores que ocupam outros setores dos estádios. (TOLEDO, 1996:60)

Assim como percebido na análise de Toledo sobre os comportamentos específicos dos torcedores organizados no sudeste, em Campina Grande/PB há tipos de comportamentos padronizados entre torcedores organizados. E, deste modo, os acessórios como faixas e bandeiras representam a alma do grupo. Os materiais citados são confeccionados na própria sede da Facção Jovem pelos próprios torcedores. Dentro do grupo há integrantes com aptidão para pintura e confecção e os demais são orientados pelos mais experientes no processo de confecção do material.

Os recursos financeiros arrecadados através das mensalidades dos torcedores organizados e também os eventos realizados na sede, assim como venda de camisetas da própria torcida e de torcidas aliadas que presenteiam a Facção²⁵, arcam com as despesas da confecção das faixas. Existe a comissão de frente da diretoria que coordena as confecções e compras de materiais e os demais auxiliam na produção das faixas e bandeiras. Após o término da confecção das faixas é hora de levá-las aos estádios onde o Campinense for jogar. Independente de onde acontecerá o jogo. Se a torcida, em geral, não puder ir a um jogo longe da cidade, o grupo consegue levantar renda para arcar passagens para levar um representante com as faixas e pendurá-las no alambrado do estádio. Neste caso, eles não vão sozinhos aos estádios longe da cidade natal. Sempre há torcidas aliadas em diversas cidades do Brasil.

²⁵ Nos encontros entre torcidas organizadas aliadas, é de costume que ambas troquem materiais, principalmente camisetas, significado ato de reciprocidade entre os dois grupos.

Quando um torcedor organizado viaja para uma cidade na qual tem sede de uma torcida aliada, fica sob responsabilidade dos anfitriões receberem os representantes da Facção Jovem. Geralmente os aliados dão toda assistência, não apenas nos momentos da partida de futebol, mas vão buscar o aliado no aeroporto ou rodoviária e arcam com alimentação e hospedagem dos visitantes. O mesmo ato acontece quando a Facção Jovem recebe um aliado em Campina Grande. Os visitantes têm toda assistência durante a estadia na cidade.

TABELA 2 - TORCIDAS ORGANIZADAS ALIADAS À FACÇÃO

Nome	Time
TORCIDA DRAGÕES DA REAL	São Paulo Futebol Clube
TORCIDA ESQUADRÃO COLORADO	Club Sportivo Sergipe
TORCIDA ESQUADRÃO VILANOVENSE	Vila Nova Futebol Clube
TORCIDA FACÇÃO BRASILIENSE	Brasiliense Futebol Clube de Taguatinga
TORCIDA FALANGE CORAL	Ferroviário Atlético Clube
TORCIDA ORGANIZADA REMISTA	Clube do Remo
CAMISA 12 DO VITÓRIA	Esporte Clube Vitória
TORCIDA ORGANIZADA DA RAPOSA	Campinense Clube

Fonte: <http://faccuojovem2003.blogspot.com.br/>

Em 04/08/2013, o Treze Futebol Clube disputou uma partida contra o Brasiliense pela Série C do Campeonato Brasileiro, no Estádio Presidente Vargas, em Campina Grande, estádio do principal rival do Campinense Clube. Neste período, o Campinense Clube estava sem jogar porque não conseguiu classificação pra Série D do Campeonato Brasileiro após perder a semifinal contra o Treze Futebol Clube no Campeonato Estadual três meses antes. Como a Torcida Facção Brasiliense - correspondente ao Brasiliense (DF) – é aliada à Facção Jovem, um integrante da torcida aliada foi à Campina Grande para assistir ao jogo do seu time. Os torcedores da Facção foram buscá-lo no aeroporto de João Pessoa, capital da Paraíba, e disponibilizaram toda assistência ao torcedor aliado (desde traslado, alimentação, estadia e bebidas).

Mas qual a relação entre as faixas das organizadas e a partida de futebol entre o Treze F.C x Brasiliense? A rivalidade entre torcidas é caracterizada por disputa de domínio de territórios e de maior vibração nos estádios de futebol, envolvendo as representações dos clubes sob padrões de comportamentos demonstrados nas maneiras de se relacionar internamente (através do ato de andar sempre juntos e padronizados) e externamente (demonstrando a força do grupo vestindo a camisa da organizada e cantando músicas da organizada nas ruas e nos estádios) através da demonstração dos símbolos do clube e da própria torcida organizada em camisas, tatuagens, bandeiras, bermudas, calças e faixas. E, no contexto desta partida, em específico, para a Facção Jovem receber um representante de uma torcida aliada de outro Estado, levá-lo ao estádio de futebol sediado pelo seu próprio rival, o Treze, e pendurar as faixas da Facção e Facção Brasiliense dentro do P.V²⁶ significou a dominação do território do oponente (ver FIGURA 17). Isso quer dizer que não apenas a presença dos torcedores organizados da Facção Jovem e Facção Brasiliense tornam alvo de revolta do oponente, a faixa é um elemento simbólico crucial que possui a imagem das torcidas organizadas e ocupação do território do principal rival.

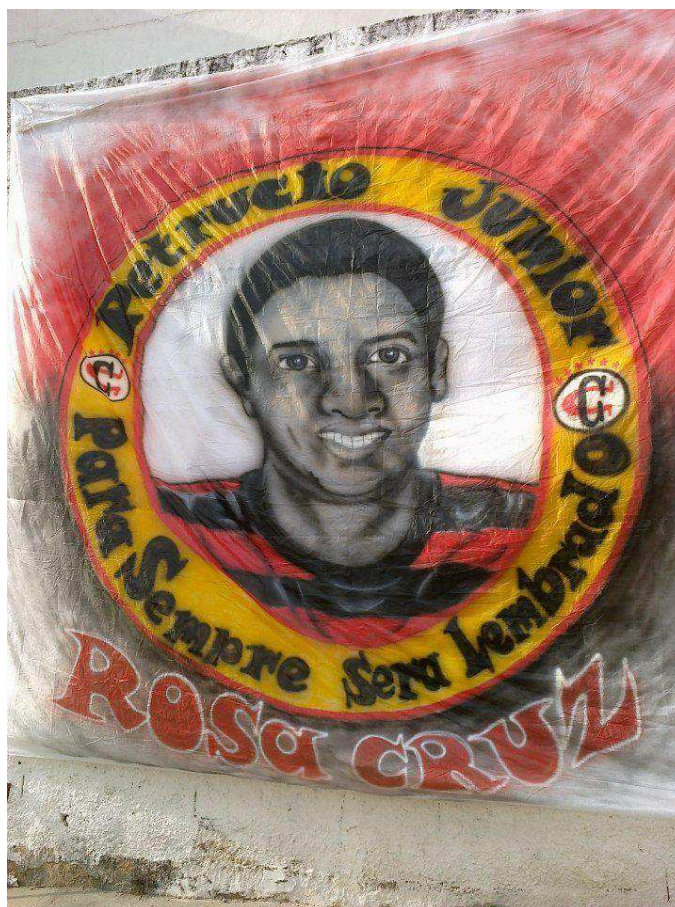
²⁶ Abreviação utilizada, popularmente, para referir-se ao Estádio Presidente Vargas, inaugurado em 1940, pertencente ao time Treze Futebol Clube que o utiliza como centro de treinamento e sede de alguns jogos. Localizado no bairro São José em Campina Grande/PB, o estádio tem capacidade para 12 mil torcedores.

FIGURA 17 – Torcedores da Facção Jovem e Facção Brasiense no Estádio presidente Vargas.



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/faccuojovem/>

FIGURA 18 – Homenagem póstuma a um antigo torcedor da Facção Jovem – “Rosa Cruz” é um bairro de Campina Grande.



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/faccuojovem/>

3.8.1 O confisco das faixas

Como explicamos anteriormente, os acessórios como camisas, calças, bonés, casacos, bandeiras e faixas são elementos que ajudam a constituir e a reconhecer a identidade, transmitindo a marca e o poder da Facção enquanto grupo. Entre a utilização de todos os acessórios, um fator interessante nas relações entre as Torcidas Organizadas é a competição entre as faixas das organizadas. Cada grupo carrega em todos os jogos as faixas e estas significam o poder da torcida através da ocupação de territórios.

Segundo Toledo (1996), bandeiras, camisas e bonés são disputados entre torcidas organizadas rivais e servem de troféus para o fortalecimento do grupo. A prática de confiscar o material do oponente representa o triunfo da torcida e simultaneamente frustração para a torcida que teve a perda dos materiais. Todos os artefatos materiais citados são importantíssimos para as torcidas organizadas. As faixas são a representação material e simbólica da força das Torcidas Organizadas. Mas qual seria o motivo? Segundo entrevistas com torcedores da Facção, as camisetas, os bonés e demais componentes são comercializados pelas próprias torcidas. Ora, as Torcidas Organizadas precisam de recursos para arcar com as despesas do grupo e, assim, esses materiais podem ser vendidos na loja a qualquer torcedor. As faixas, pelo contrário, não são comercializadas. Elas são elaboradas, exclusivamente, para o uso da organizada. Elas representam a identidade do grupo; a força do trabalho coletivo durante a confecção; o coração da Facção Jovem

Henrique: A faixa é como se fosse uma vida dentro da torcida da gente. Ali é a representação máxima da torcida. A faixa, bandeiras... é como se fosse mais um membro. Se a gente tem uma faixa roubada ou alguma coisa do tipo - e graças a Deus a gente não teve tomado - é como se a gente tivesse um membro assassinado. É como se fosse um sequestro. (Torcedor Facção Jovem)

Como acontecem os confiscos das faixas das Torcidas Organizadas? Segundo informações de pesquisa de campo, os confrontos entre Torcidas Organizadas acontecem nas ruas principalmente em dias de jogos. As Torcidas Organizadas tomam o espaço das ruas da

cidade, representando novos significados ao espaço urbano. Dentro desta esfera, existem confrontos entre Torcidas durante as caminhadas até o estádio de futebol, principalmente em dias de clássico entre o Campinense x Treze ou vice-versa. Como explicado anteriormente, o material confeccionado pelos torcedores é levado até o estádio de carro, mas durante a caminhada nas ruas até o estádio, são levadas algumas faixas e bandeiras. Durante os confrontos estes materiais são disputados entre as torcidas rivais, depois de conquistados são exibidos nas redes sociais da internet como forma de mostrar a tomada da força, do poder do outro como veremos nas imagens a seguir:

FIGURA 19 - Bandeiras e faixas - TJG e alguns aliados - confiscados em confrontos nas ruas.



Fonte: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=121251624>

FIGURA 20 – Faixa da TJG – Antes e depois do confisco.



Fonte: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=121251624>

A perda de uma faixa ou bandeira significa frustração da Torcida Organizada. É como se fosse a perda de algum membro do grupo, a perda da força e identidade. A áurea da Torcida está representada nos símbolos materializados nas faixas confeccionadas entre as mesmas. De outro modo, o mesmo material confiscado é guardado com extremo cuidado e serve para a Torcida “vencedora” expor as faixas e bandeiras como troféus nas redes sociais, para mostrar a força e virilidade do grupo. O fato de expor as faixas de cabeça pra baixo representa a fraqueza do rival, e a força do grupo vencedor do confronto.

Existem normas e regras nos confrontos entre Torcidas Organizadas. Por exemplo, não agredir fisicamente *torcedores comuns* trajando camisa do clube rival; não depredar patrimônio público; tomar as faixas do rival em lutas sem armas – dentro das regras é aceitável apenas troca de socos e chutes. Isto significa que a utilização de armas de fogo ou facas, pedaços de madeira, ou pedras, por exemplo, é considerado como um ato que foge dos códigos da “ética marginal das Torcidas Organizadas” assim como relatou o Torcedor da Facção, Henrique:

Pra mim, torcida organizada, se for pra poder tomar alguma material de alguém, é na pista e é na mão. Entendeu? É na mão.

A gente nunca tomou nada de adversário, tipo, utilizando arma e tal. Isso pra a gente é assalto. Isso é primeiro contra a ética, a dita ética marginal das torcidas organizadas. A gente é totalmente contra esse tipo de coisa. Arma de fogo e arma branca não rola não. É pancada, no mano a mano.

Em Campina Grande, por exemplo, os noticiários locais relatam que as Torcidas Organizadas brigam de forma banal, sem buscar compreender realmente o sentido do conflito. Em alguns confrontos entre a Facção Jovem e Torcida Jovem do Galo, terminaram em pessoas gravemente feridas ou até mesmo em mortes. No que se diz em relação às agressões sob porte de armas, os infratores estão corrompendo a ética marginal das Torcidas Organizadas, a qual corresponde que as brigas nas ruas da cidade podem ser disputadas sem porte de armas. O confisco de bandeiras, camisas e faixas eticamente tem de ser realizado no corpo a corpo.

Segundos dados da PMPB, foram registradas 7 (sete) mortes de pessoas pertencentes a Torcidas Organizadas, sendo (06) ocorridas em Campina Grande e 1 (uma) em João Pessoa, capital paraibana, no intervalo entre 2011 até fevereiro de 2014. Segundo conversas informais com alguns Torcedores Organizados de ambas as torcidas, os motivos das mortes são desconhecidos entre as duas torcidas, ou seja, todas as mortes não têm correlação com a TFJ e TJG, segundo os próprios membros.

Os confrontos que acontecem nas ruas da cidade entre grupos rivais são fenômenos sociais estigmatizantes das Torcidas Organizadas, quando se fala em termos populares. Ser um Torcedor Organizado é ser diferente, é se distinguir dos demais torcedores, fugindo do comportamento social convencional.

Tomar a bandeira do rival significa um ritual das Torcidas Organizadas. Segundo Maffesoli (2010), o ritual caracteriza a vida das *Tribos Urbanas* sob aspecto da repetição, cuja função é reafirmar o sentimento que um dado grupo tem de si mesmo. “A comunidade ‘esgota’ sua energia na sua própria criação” (2010:48). O que acontece nas Organizadas é que elas são movidas por rituais em todos os sentidos. Principalmente em relação de conflito com as demais Torcidas rivais. O ato de provocar o inimigo, de tomar bandeira ou até mesmo agredi-lo fisicamente representa “destruir” a Torcida rival. E viver essa “morte” cotidiana, para as *Tribos Urbanas*, representa “[...] o resultado de um sentimento coletivo que ocupa um lugar privilegiado na vida social” (2010:48).

Becker (2008) defendeu que os atores sociais que se comportam de modo desviante ou “anormal” dos grupos sociais convencionais podem ser adjetivados como *outsiders*²⁷. Segundo o mesmo autor, todos os grupos sociais fazem regras e tentam em algumas instâncias ou em certos momentos, impô-las. Desse modo, as regras sociais condizem a tipos de comportamento e situações, especificando algumas ações como certas e proibindo outras como erradas. Portanto, a fuga dos comportamentos convencionais pode ser considerada marginalizada pela sociedade em geral. O fato de brigar por bandeiras, para alguns pode ser alienação, para outros pode representar apenas um pedaço de pano pintado. Mas para os Torcedores Organizados, as bandeiras e faixas significam a alma e identidade do grupo.

Passamos, portanto, a compreender que os indivíduos pertencentes às Torcidas Organizadas são conduzidos por um sistema padronizado de comportamento em grupo, no qual eles não são conduzidos pela razão, mas “pelos sentimentos, pelos afectos, pelos humores, tudo dimensões não racionais do dado mundano” (Maffesoli, 2000:30). Sendo assim, esses indivíduos vivem experiências em comum dentro das Organizadas e não podem ser discutidas sob o discurso reducionista de que estes grupos são movidos exclusivamente por violência.

²⁷ Aquele que se desvia das regras da sociedade. Ver em **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Ed. Zahar: 2008.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O significado do futebol para a população brasileira é fundamental no que se trata de analisarmos os seus comportamentos. As atividades futebolísticas no Brasil fizeram com que as pessoas pudessem participar ativamente de um artefato público que atinge desde as camadas elitistas às mais populares. Entender a trajetória do futebol no Brasil é compreender o povo brasileiro.

Percebemos que em meados da década de 70 do século anterior, o Brasil passava por um modelo de governo ditador, o qual tentou perseguir a liberdade de expressão das diversas camadas sociais. No entanto, o futebol surgiu sob apoio dos governos militares, cujo interesse estava alicerçado em tornar o sentimento de angústia e revolta dos brasileiros em um fenômeno reverso: transformando o ódio em alegria através das festas nos estádios de futebol.

Lembramos que as Torcidas Organizadas surgiram no Brasil na mesma década de difusão do futebol - sob o slogan dos governos militares *mania nacional* – como grupos de jovens que tinham algo a manifestar nas ruas e nos estádios, representando o seu time do coração. Ora, já que não podiam contestar o governo perseguidor, os jovens organizados podiam contestar quando estivessem insatisfeitos com algumas decisões dos diretores dos times representados. Já que as revoltas sociais foram silenciadas durante este período, os jovens tornaram as Torcidas Organizadas como um meio de canalizar as suas emoções, no ato de estar em grupos com suas próprias regras, normas e condutas. No entanto, as Organizadas formaram novas relações de sociabilidade. Como diria Simmel (2006), o mundo da sociabilidade é o único que pode haver uma democracia sem atritos entre iguais. Cria-se, portanto, um universo *artificial*, elaborado pelos próprios indivíduos cujas interações são equilibradas e descartam quaisquer tensões materiais. As Torcidas Organizadas expressam um universo paralelo ao mundo convencional marcado pela individualidade e formalidade. Isto significa que as Torcidas Organizadas “[...] são representadas por coletividades mais autônomas, impessoais e independentes de torcedores, que passam a se comportar de modo diverso daqueles (torcedores comuns). Estabelecendo outras formas de relacionamento entre elas próprias [...] (TOLEDO:1996:28).

A ideia do futebol como uma prática de entretenimento fez desenvolver um grande negócio mercadológico entre grandes empresários interessados no lucro com os passes dos jogadores. Mas qual o motivo de tanto interesse? Ora, o futebol foi uma modalidade praticada por elites brasileiras, mas logo após algum tempo sucedeu o interesse de todas as camadas sociais do Brasil. Essa passagem de interesses e práticas de indivíduos oriundos de classes distintas pelo futebol é um fator interessante de compreensão no campo das Ciências Sociais. Do mesmo modo, em Campina Grande, o Campinense Clube foi uma agremiação oriunda de uma classe elitista local constituída em proporcionar laços de sociabilidades entre os grupos de empresários e bacharéis desta região. Em contrapartida, após algumas décadas, o Campinense Clube insere o futebol dentro de sua agremiação e a partir do momento em que passou a ter o seu estádio sediado no Bairro José Pinheiro, atingiu interesse das camadas mais populares da cidade.

As mesmas mudanças ocorreram durante a formação da Facção Jovem. A princípio, a TJJF foi fundada na arquibancada sombra, espaço mais valorizado dentro do estádio, onde corresponde interesse de torcedores que pagam mais caro para estar neste espaço e, geralmente, são profissionais autônomos, funcionários públicos, empresários etc. A mudança para arquibancada sombra pode ser um fenômeno que mudou a trajetória da Facção porque começou a chamar interesse de torcedores de camadas mais populares, já que a maioria reside em bairros periféricos da cidade. Tais mudanças simultaneamente correspondem a ressignificações dos espaços urbanos. As cidades são modeladas cotidianamente por pessoas que transitam nas ruas, possibilitando tecer novas redes de sociabilidade ocupando espaços no meio urbano.

O conceito de *tribalismo* Maffesoliano (2010) nos permitiu compreender as formas de interações entre Torcidas Organizadas. Os grupos contemporâneos são constituídos por uma sensibilidade coletiva na qual se compartilham sentimentos, experiências e emoções. As Torcidas Organizadas são grupos contemporâneos complexos que constituem o espaço urbano. Sob olhar do campo científico, ignorar tais grupos significa negligenciar as formas de interações sociais atuais.

Os comportamentos viris e agressivos destes grupos são vistos como um problema de segurança pública. É certo que os fatos nos mostraram que a violência é um fator preocupante no que diz respeito às Torcidas Organizadas. Entretanto, sabemos que a violência está envolvida em todas as esferas sociais cotidianas e tal fenômeno é representado sob múltiplas

formas: violência psicológica, econômica, política, cultural, simbólica, física etc. Há violência na vida privada e pública: nas famílias, nas escolas, nas ruas, no trabalho, nos guetos, nos bairros elitistas, no universo político etc. “A violência é uma prática que foge do curso presumivelmente disciplinado e estável da ordem social” (DIÓGENES, 1998:55). No contexto das cidades, a violência intensificou-se assumindo uma multiplicidade de facetas e formas diversas. No entanto, tivemos conhecimento de atos violentos entre Torcidas Organizadas. Mas não podemos cair nas armadilhas do senso comum e realizarmos análises superficiais sobre o comportamento dos indivíduos em sociedade.

Simmel (2006) discutiu o modo pelo qual os indivíduos são movidos pelas relações grupais dando ênfase na objetividade do comportamento dos grupos e como estes têm vida própria com características próprias. O comportamento humano é determinado por meio da semelhança e da diferença. Neste caso, “[...] semelhança e diferença são, de múltiplas maneiras, os grandes princípios de todo desenvolvimento externo e interno” (SIMMEL, 2006:45). Destarte, segundo o mesmo autor, a história da cultura da humanidade é marcada pela trajetória da luta e das tentativas de conciliação entre os princípios da semelhança e diferença. Compreender as *Tribos Urbanas* é analisar quais são os elementos sociais que desenvolvem relações de sociabilidade entre indivíduos. Isto significa que os grupos sociais não são movidos apenas por relações antagônicas, mas também por relações de sentimentos de pertencimento compartilhados – é um jogo social dialético, no qual os indivíduos jogam a própria sociedade em busca de reconhecimento e distinção, simultaneamente.

O caráter ritualístico entre as Tribos é um elemento catalisador para a sobrevivência destes grupos. O ritual, no contexto das Torcidas Organizadas, está presente em todos os aspectos comportamentais no cotidiano dos indivíduos nas ações grupais. O “estar junto” é um exemplo ritualístico das *Tribos Urbanas*, pois possibilita que os indivíduos compartilhem suas experiências e emoções de acordo com as codificações dos grupos. O *gozar* no sentido Maffesoliano é atribuído às experiências coletivas dos indivíduos em grupo e transmite a concepção de que “[...] *Goza-se* na efervescência musical, na histeria esportiva, no calor religioso, mas igualmente em uma ocasião caritativa, ou, ainda, em uma explosão política” (2010:18). Além do sentido de “estar junto”, a ideia de demarcar territórios – ruas, praças, transportes coletivos, arquibancadas, acessos aos estádios – com as faixas e demais artefatos materiais simbólicos das Organizadas, fortalece e assegura a identidade do grupo. No caso, o que está mais valoroso neste “jogo social” é o sentimento de pertencer a algum grupo.

“Roubar” as faixas da TJG, por exemplo, representa um ritual de fortalecimento para a Facção Jovem e, simultaneamente, significa a “destruição” da TJG.

As discussões envolvidas nas páginas deste trabalho estiveram voltadas para a análise das Torcidas Organizadas em Campina Grande, com foco de pesquisa na Torcida Facção Jovem. Sabemos que há muitos aspectos a serem explorados mais detalhadamente sobre as Organizadas na Paraíba, principalmente no contexto da violência urbana, já que as instituições modernas e convencionais ainda “não estão preparadas” para lidar com tais fenômenos. Portanto, é preciso que haja mais trabalhos neste campo de pesquisa para abriremos discussões acerca das Torcidas Organizadas no Brasil e na Paraíba e demais grupos de jovens os quais possibilitam novas formas de viver no espaço urbano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECKER, Howard Saul. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Tradução: Maria Luiza X. de Borges; revisão técnica: Karina Kuschnir. – Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

DAMATTA, Roberto. Os Milagres do futebol. In **Explorações: ensaios de sociologia interpretativa**. [2.ed., ver. Ampl.]. – Rio de Janeiro: Rocco, pp.87-93, 2011.

_____. **A bola corre mais do que os homens: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol**. – Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

_____. “Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol”. in **Revista USP. São Paulo**, v.22,, p.10-17, 1994.

DIÓGENES, Glória. **Itinerários de corpos juvenis: o baile, o jogo e o tatame** – São Paulo: Annablume, 2003.

_____. **Cartografias da cultura e violência: gangues, galeras e o movimento Hip Hop** – São Paulo: Annablume: FortalezaSecretaria da Cultura e Desporto, 1998.

DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ELIAS, NOBERT. Mudanças na agressividade in **O processo civilizador**. Tradução, Ruy Jungmann; revisão e apresentação, Renato Jaime Ribeiro – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994 Vol.1.p.189-202.

GARRIGOU, ALAIN & LACROIX, BERNARD. A society e a sociogênese do Esporte. In: **Nobert Elias: A política e a história**. Ed. Perspectiva. São Paulo.1997.p.68-75.

GASTALDO, Édison. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 14, n. 30, p. 223-231, jul./dez. 2008

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do Futebol- Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. Tradução: Wanda nogueira Caldeira Brant e Marcelo de Oliveira Nunes – São Paulo. Ed. Nova Alexandria, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 11. Ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LUCCAS, Alexandre Nocolau. **Futebol e Torcidas: Um estudo Psicanalítico sobre o vínculo social.** Dissertação de Mestrado em Psicologia Social. PUC/São Paulo, 1998.

MAFFESOLI, Michel. **O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa;** apresentação e revisão técnica Luiz Felipe Baêta neves; tradução Maria de Lourdes Menezes; tradução do anexo e do prefácio Débora de Castro Barros. – 4 ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

_____. **O Eterno Instante - O retorno do trágico nas sociedades pós-modernas.** Ed. Instituto Piaget, 2000.

MAGNANI, José Guilherme C. **Na Metrópole: Textos de Antropologia Urbana.** Org: Lilian de Lucena Torres. – 3.ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2008.

MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. “Introdução” In **Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné.** Prefácio de Sir James George Frazer ; Tradução de Anton P. Carr e Lígia Aparecida Cardieri Mendonça; revista por Eunice Ribeiro Durham. – 3 ed. – São Paulo: Abril Cultural, pp.17-34, 1984.

MARQUES, Giovanna Lopes. **Quem Nasce em Campina Grande é Campinense: Futebol e Sociabilidade na “Rainha da Borborema” (1954-1965).** Dissertação de Mestrado – PPGH/UFRN, 2011.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos.** Coleção Os Pensadores. Rio de Janeiro: Abril Cultural, 1974. [Seleção de José Arthur Giannotti].

MEDEIROS, Mario Vinícius. **Treze Futebol Clube: 80 anos de história.** João Pessoa: União, 2006.

MOCELLIM, Alan Delazeri. A Comunidade: da sociologia clássica a sociologia contemporânea. In PLURAL, **Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP,** São Paulo, v. 17, n.2, pp. 105-125, 2011.

MONTEIRO, Rodrigo de Araújo. **Torcer, lutar, ao inimigo massacrar: Raça Rbro-Negra: Uma etnografia sobre o futebol, masculinidade e violência.** – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

MURAD, Mauricio. **A violência e o futebol: dos estudos clássicos até os dias de hoje.** - Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

_____ **A violência no futebol.** – São Paulo: Saraiva, 2012 (Coleção Para Entender)

PARK, R “A Sociedade Moderna” In: PIERSON, D.(org.) **Estudos de Organização Social, tomo II.** São Paulo, Martins, 1970 (1940).

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. **Torcidas Organizadas de futebol – violência e auto-afirmação – aspectos da construção das novas relações sociais.** – Taubaté: Vogal Editora, 1997.

PRITCHARD, E.E.Evans- . “Algumas Reminiscências e Reflexões sobre o Trabalho de Campo” In: **Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande.** Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.

SIMMEL, Georg. “A metrópole e a vida mental”. In: Velho, Otávio (org.). **O Fenômeno Urbano.** – Rio de Janeiro, Guanabara, 1987.

_____ Georg. **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas Organizadas de Futebol.** – SP: Autores Associados/Anpocs, 1996. – (Coleção Educação Física e Esportes).

_____ **A Cidade das Torcidas: Representações do Espaço Urbano entre os Torcedores e Torcidas de Futebol na Cidade de São Paulo. In Na Metrópole: textos de antropologia urbana.** José Guilherme C. Magnani; Lilian de Lucca Torres (orgs.). -3ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2008.pp.124-156.

VELHO, G. “Observando o Familiar”. In **Individualismo e Cultura.** Rio de Janeiro, Zahar, 1987 (1978).

WAQCQUANT, Loïc J. D. **Corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe /** Tradução Angela Ramalho – Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

WATIER, Patrick. A teoria do conhecimento e o problema da compreensão em Le problémes de La philosophie de l’histoire de Simmel. In **Uma introdução à sociologia compreensiva.**

WEBER, MAX. Conceito e categorias da cidade *in* **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva** / Max Weber; tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa; Revisão técnica de Gabriel Cohn - Brasília, DF : Editora Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999. p.480-424.

Rio de Janeiro: Forense Universitária, pp. 35-88, 2009.

WIEVIORKA, M. (1997). O novo paradigma da violência. Tempo Social. **Revista de Sociologia da USP**, 9, n. 1, maio 1997, p. 5-41.

WHYTE, William Foote. **Sociedade de Esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada**. Tradução: Maria Lúcia de Oliveira. Revisão Técnica: Karina Kuschnir; Apresentação de Gilberto Velho. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar., 2005.

WIRTH, L. “A Sociedade Urbana”. In: PIERSON, D.(org.) **Estudos de Organização Social, tomo II**. São Paulo, Martins, 1970 (1940).

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

Revista 60 anos do Campinense Clube, 1975 – Disponível em:
<http://cgretalhos.blogspot.com.br/>

Retalhos Históricos de Campina Grande: <http://cgretalhos.blogspot.com.br/>

Torcida Fação Jovem: Site Oficial da Maior Torcida Organizada da Paraíba.
<http://faccuojovem2003.blogspot.com.br/>.

G1 Paraíba: <http://g1.globo.com/pb/paraiba/index.html>

ANEXO**ROTEIRO DE PERGUNTAS**

- 1- **Idade:** _____
- 2- **Sexo** () Masculino () Feminino
- 3- **Escolaridade:**
() Fundamental incompleto () Fundamental Completo
() Médio incompleto () Médio Completo
() Superior incompleto () Superior Completo
- 4- **Atualmente Está Matriculado em Alguma Escola/Universidade/Curso?**
() Sim () Não
- 5- **Possui Vínculo Empregatício:**
() Sim () Não
- 6- **Há quanto Tempo você está na TFJ?**
() Entre 0 a 2 Anos () Entre 2 a 4 Anos
() Entre 4 a 6 Anos () Entre 6 a 8 Anos
() Entre 8 a 10 Anos
- 7- **Já participou de outra Torcida Organizada antes de entrar na TFJ?**
() Sim () Não
- 8- **Já se envolveu em briga entre torcidas?**
() Sim () Não
- 9- **Já foi preso por conta de briga entre torcidas?**
() Sim () Não
- 10- **O que os companheiros Facção mais te representam:**
() Colegas () Amigos
() Família

